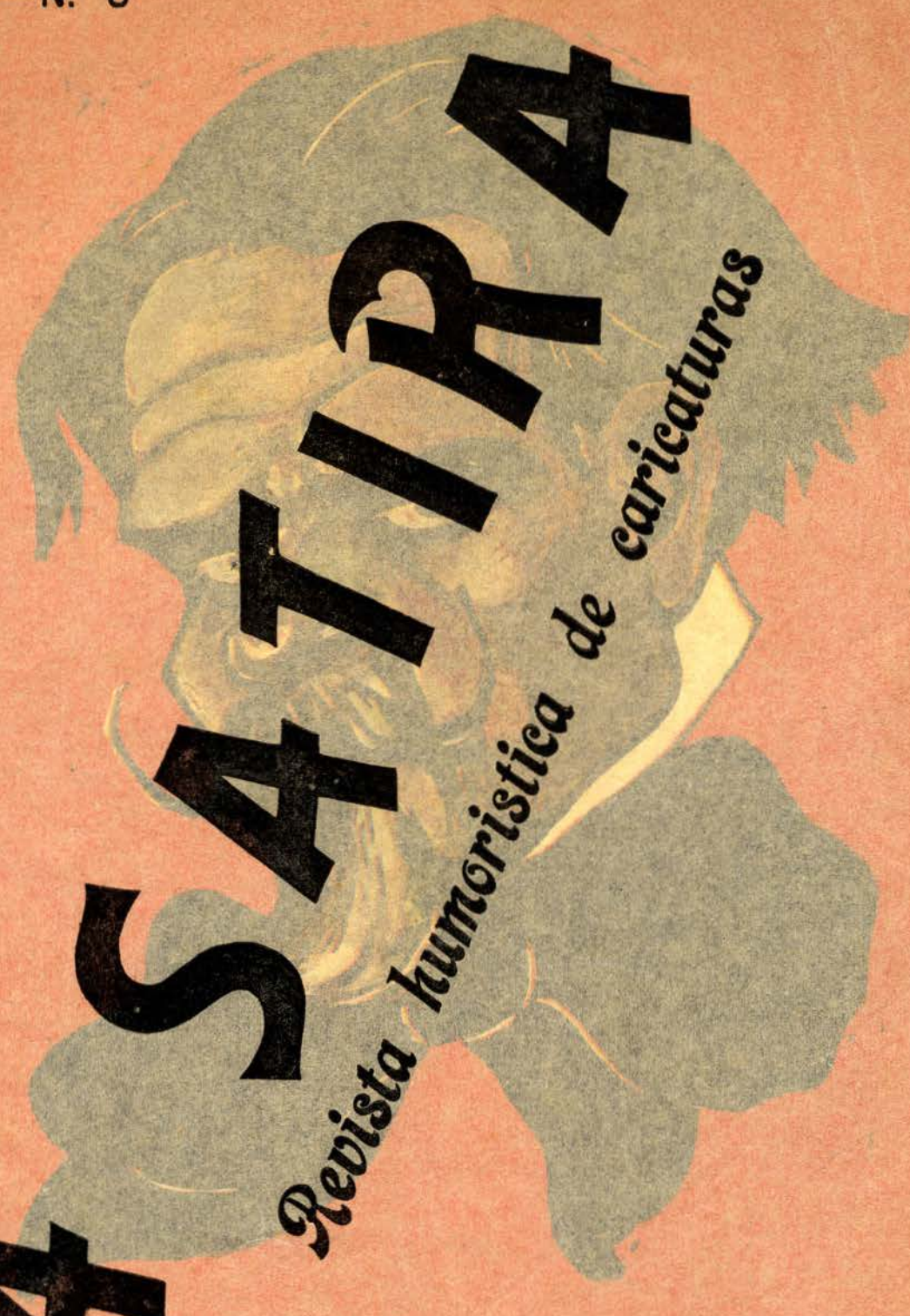


ANNO I—N.º 3

A SATIRA

Revista humorística de caricaturas



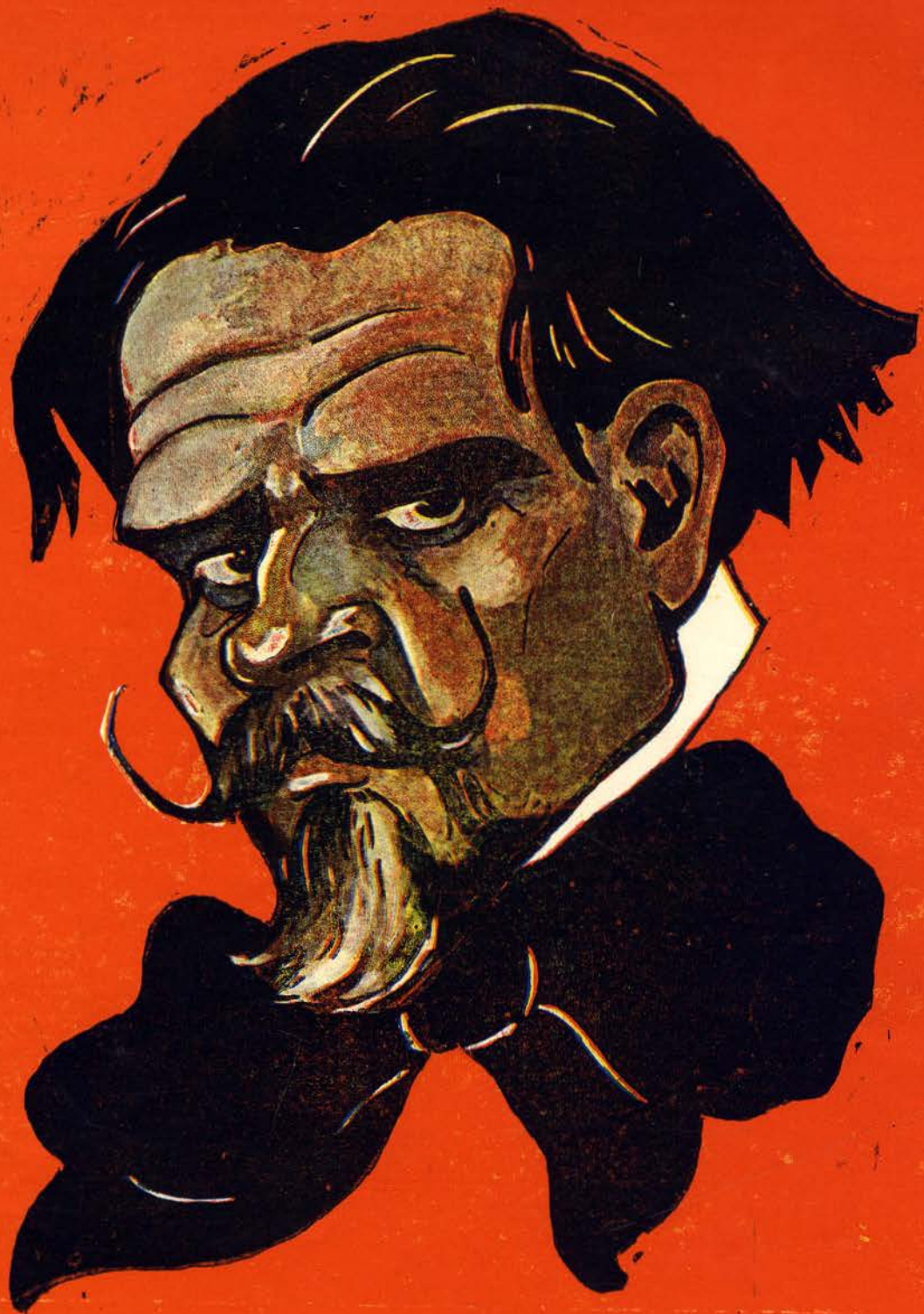
PREÇO 60 RÉIS

DIRETOR: FRONTOZARIO Joaquim Guerreiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua da Ribeira, 15-17

COLLECTOR: José Cláudio Cayalhoas

Composição e impressão: P. de T. Paes, 14 e 17 — 11300A



A SATIRA

DIRECTOR E PROPRIETARIO: Joaquim Guerreiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua da Magdalena, 125, 2.º

EDITOR: José Stuart Carvalhaes

Composição e impressão: Pop., Typ. Pelourinho, 14 e 17 — LISBOA

A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Joaquim Guerreiro

ADMINISTRADOR — Salomão Guerreiro

EDITOR — José Stuart Carvalhaes

Redacção e Administração — Rua da Magdalena, 125, 2.º

Papelaria, Typographia — Felourinho, 14 a 17 — LISBOA

Chronica feminina

Em todos os tempos as mulheres se interessaram por politica, umas, por interesse pessoal, outras pelos seus, seguindo e adoptando quasi sempre as ideias alheias ou da familia, e nunca as propriamente suas porque... as não tinham. Tambem se internavam na politica por amor e por simples curiosidade. Este ultimo modo, que parece o menos verosimil, é comtudo o mais vulgar. E' curioso e dá uma nota muito exacta do verdadeiro estado moral da aristocracia do paiz o quadrinho que vou reproduzir, perfeitamente impessoal, mas que creei para tornar bem frizante o estudo geral do sangue azul.

Na velha e antiga casa dos condes de Belveder, n'uma confortavel salinha guarnecida á moderna, mobilia que representa uma nódoa no archaismo das vetustas paredes, a sr.ª D. Francisca, mulher do actual conde, reclinada n'uma *chaise-longue*, conversa com os intimos da casa que veem chegando. Esta senhora D. Francisca foi incontestavelmente uma mulher bella e d'um espirito muito superior ao seu sexo e ao seu meio, e synthetisa, melhorada, a moralidade e capacidade intellectual da epoca. No momento em que entro com os leitores, estão na sala só tres pessoas, além da dona da casa: o primo Raphael, que é quasi um pagem da condessa, tanto ella o occupa a todo o instante no desempenho de varias commissões, Lopo da Cunha e Diogo de Alemquer. A conversa é muito animada. Nós fizemos algum rumôr e elles baixaram as vozes; mas, como temos o condão de nos tornarmos invisiveis, convencidos de que não era ninguem, continuaram.

— Então em que ficámos? perguntou a voz dolente da sr.ª D. Francisca, no tom d'uma pessoa a quem nada pode interessar.

— Eu digo, affirmou D. Lopo, que não ha necessidade alguma de fazermos affirmações. Fallar em politica para quê? Ha tantos assumptos...

— E' o que eu estou farto de repetir, aprovou o primo Raphael.

E, Diogo, muito nervoso, passeiando, agitado d'um lado para o outro da sala:

— Em tempo algum um Alemquer deixará de dizer o que pensa!

Então a condessa casquinou uma gargalhada e soerguendo o corpo, apoiada no cotovello esquerdo, declamou:

— A unica ideia aproveitavel entre os modernos é o feminismo. E sabem porquê?

— ? —

— Os homens estão cada vez mais tolos! Os tempos mudaram, D. Diogo, politica e moralmente. A palavra patria é um som-ôco que não faz sentido e só serve para gritar aos parvos e os arrastar ao fim que se lhes quer dar. Barriga, barriga é que é. O resto...

Interrompendo-se de subito, commentou:

— Não veem mesmo como eu estou fallando? Não é isto unico entre as paredes d'estes velhos paços? Mas é que é preciso ir com os tempos... a vossês que são intimos sempre lhes disse: Em partidos como em côres, cada um tem as suas preferencias e não as troca por as dos outros. Assim eu gabo sempre aquella que prefere o meu interlocutor, mas com discrição, claro, para que, se sobrevier um segundo do partido contrario, eu possa fazer o mesmo sem desenganar o primeiro. Assim, com um monarchico, eu lamento com sinceridade a perda da Monarchia, e não admira: perdi com ella o titulo, o meu logar no paço, e até o meu confessor que era um padre da Companhia. Com os miguelistas, de que sempre no intimo me ri, mas que por um bamburrio inesperado podem vir a subir, gabo-lhes a constancia, digo-lhes que quem porfia mata caça, e que a familia do sr. D. Miguel e a sua pessoa sempre me foram sympathicas. Aos republicanos affianço-lhes que o

seu advento me causou magua (d'outra fórma não me acreditariam), mas, já que estão, Deus os conserve para bem e prosperidade da *Patria*. Aos socialistas digo-lhes que as suas ideias são as unicas sensatas, e aos anarchistas que tudo isto está a pedir bombas no *Terreiro do Paço*. Não julguem que marcar esta graça é má vontade contra os ministros: não é. Nasce apenas do desejo de os suggestionar a que as deitem longe do sitio aonde móro. Aos meus filhos para lhes impressionar os animos juvenis e convence-los de que o mundo é uma massada, tomo tons logicos de sacerdotiza e declamo-lhes: *Patria, patria que és tu?*

Uma palavra vã a que nada responde, ou ainda:

A *Patria* é toda a terra em que se vive bem, etc.

— Mas, prima Francisca, não comprehendo então, com essas ideias, para que é que a prima conspira, porque— não negue, a prima reúne aqui os conspiradores, exclamou D. Lopo, n'uma franqueza irrepreensivel.

A sr.^a D. Francisca sorriu com um grande ar de superioridade, e olhou com dó os seus parentes:

— Mas como havia eu de fugir a tempo se não conspirasse? Esquecem-se de que já não estou nova e que não tenho o temperamento aventureiro dos portuguezes de quinze annos?

— Fugir!?!... exclamou D. Diogo, córando. Uma Belseder!!!

— Não era mais realista do que o rei. Que fez elle?

Os tres homens curvaram as cabeças; mas o primo Raphael, ferido de subita ideia, perguntou:

— Leva-me, prima?

— Mas isso nem se pergunta.

E tornou a recostar-se na *chaise longue*, cansada do seu esforço oratorio.

N'isto entrou na sala um vulto republicano, importante agora, mas que já o era muito no antigo regimen.

— Vá, exclamou ella, sente-se aqui junto de mim.

E baixo a Raphael, enquanto o recémchegado cumprimenta os outros:

— E' talvez o homem mais importante de amanhã; é forçoso affagá-lo.

Alto:

— Sabe que estava saudoso de si e dos seus bons ditos? Como vae a nossa florescente Republica?

D. Lopo e D. Diogo conversavam entre si gesticulando muito; por fim, tendo chegado a um accordo, este ultimo veio collocar-se por detraz da prima Francisca e, quando o Republicano se voltou a responder a uma pergunta de D. Lopo, abaixou-se e perguntou ao ouvido da prima:

— Leva-me a mim e ao Lopo?

— Decerto. Isso não se discute.

Elle, muito importante:

— Se o rei fugiu!

Ella, imitando-o, trocista:

— Que hão-de fazer os realistas?... Fugir tambem.

— Mas o sangue azul está todo assim? perguntam-me os leitores.

— Não. Toda a regra tem excepções.

— E essas como se conhecem?

— As apparencias illudem... Os proprios é que se não enganam, interrogando as consciencias. Olhe, os que se zangarem com esta critica é porque não pertencem ao numero das excepções.

MARIA O'NEILL

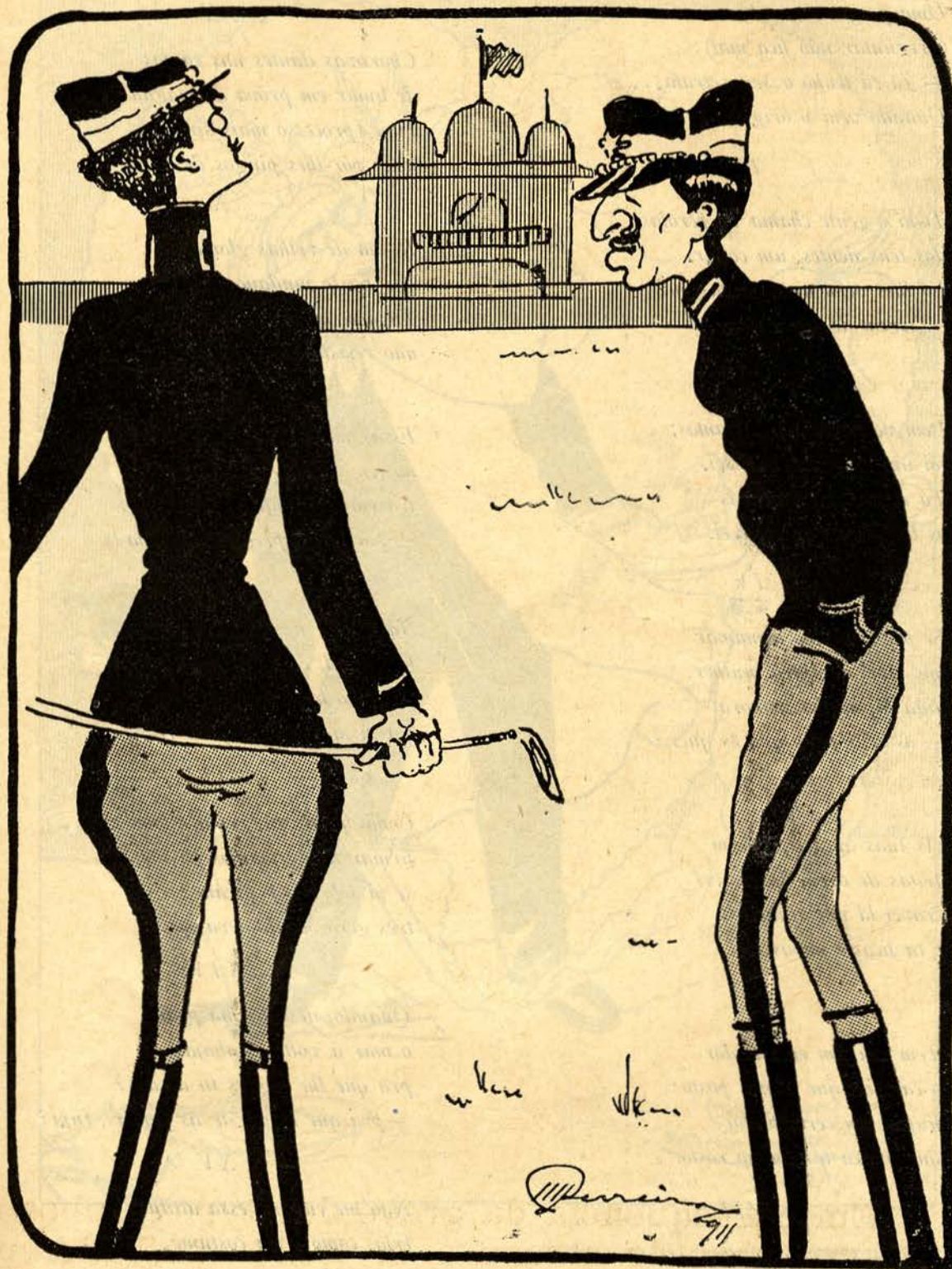


Em consequencia da greve dos typographos sae com um mez de atrazo o n.^o 3 d'A SATIRA pelo que pedimos desculpa aos nossos estimaveis leitores.

A Redacção

Concurso hippico de Abril

Aspectos



— Oh Callado, que tal achas a assistencia ?

— O' velhinho, ha uma grande abundancia de falta de gente.

HUMORISMOS

VIII

Caprichos da natureza!
Estranho, insólito facto:
Tu branca, marido loiro,
e tens um filho mulato:

I

Uma pergunta, senhora,
(preguntar não fica mal):
— Já cá tenho o seu retrato...
Quando vem o original?

II

Toda a gente chama às perolas
dos teus dentes, um collar.
Só lhes acho uma vantagem:
— serem de pôr e tirar.

III

Bem vejo que me não amas;
foi um capricho, bem sei.
Tu com outro acabarás
dos beijos que eu comecei.

IV

Se pôe seu filho a mamar
nos seios de outra mulher,
diga lá, minha senhora:
— os seus para que os quer?

V

As tuas ancas, parecem
feitas de carne insensível:
cravei lá um alfinete
e tu ficaste impassível!

VI

Tem um fim encantador
o carmim que trazes posto:
fingir um certo pudor
que nunca te sóbe ao rosto.

VII

Sabe que a resposta á minha
carta não me surpreendeu:
tinha-a lido ha quinze dias
nas mãos dum amigo meu.

IX

Choravas dantes nas cartas
de amor em próva de magua;
Hoje (processo mais simples)
usas pôr-lhes pingos de agua.

X

Ruina de velhas glorias,
que triste mudança a tua!
Tu, que affrontavas o sol,
não resistes hoje á lua!

XI

Essas jóias que te vejo
no teu cóllo de rainha,
trazem-me á ideia um desejo:
— pôr-te no prégo inteirinha!

XII

Já por ti fiz mil loucuras,
fui gentil, cavalheiresco.
Foi isso ha tres mêses: hoje,
por ti me vou pondo ao fresco.

XIII

Como quer's tu, velha e tôla,
firmar teus trémulos passos,
se já sobre ti pesaram
tres gerações de devassos?

XIV

Quando, descalça na praia,
o mar á volta escabuja,
pra que lhe ergues tu a saia?
— pra que ao ver-te as pernas, fuja?

XV

Não me engana essa attitude
fria, como é teu costume;
quem sabe remexer cinzas,
quáse sempre encontra lume...

AMOR E JUSTIÇA



PALAVRAS DE D. JUAN (juiz e galopim)

— «Eu quando trabalhava activamente na politica, deixei de pedir votos aos homens; por fim pedia-os ás mulheres e eram muito mais certos.»

Entrevista com o "Stradivarius" do sr. José Relvas

No intuito de dar notícias frescas, quentes... e boas aos leitores da *Satyra*, procurei no hotel de l'Europe, o «Stradivarius» do sr. ministro das finanças.

Antecipadamente tinha pedido á veneranda *malva* do Presidente do Governo Provisorio, com a qual mantenho relações politicas e phylosophicas, um bilhete de apresentação.

A gloriosa *malva*, (chamo-lhe gloriosa porque foi apoiado a ella que o Dr. Theophilo Braga subiu a ingreme calçada da Gloria) accedeu ao meu pedido, dando-me um seu cartão.

Munido da apresentação e com um fatinho apresentavel, dei ingresso n'um gabinete do hotel, onde em cima de uma poltrona e n'um rico estojo, repousava o «Stradivarius».

Estive quasi a recuar, temendo ser importuno, mas, como tinha que ser, bati levemente na tampa do estojo. Com os meus botões murmurei:

— Naturalmente apanho com a tampa!

Passou-se um minuto que me pareceu grande como um seculo... de oito paginas.

— Quem é? Interrogou uma voz harmoniosa.

Ao ouvi-la, fiquei transportado pelo seu timbre delicioso. Enlevado, poz-se-me um nó na garganta e não me foi possivel responder.

— Quem é? Volveu a voz.

A muito custo lá desatei o nó e desembuchei:

— Um seu creado!

— Que deseja?

— Fallar-lhe. Trago um bilhete...

— De beneficio?

— Não senhor, de apresentação.

— Ah! Então está bem, julguei que fosse algum encosto.

Palavras não eram ditas, quando se abriu o estojo e d'elle sahiu o «Stradivarius» em pau e corda.

Entreguei-lhe o cartão, que elle passou pela vista, e no mais amavel dos sorrisos, disse-me:

— Queira tocar.

— Perdão, eu não toco, não sou musico.

— Toque n'estes ossos.

Ah! Com todo o prazer. E estendendo-lhe a mão, apertei-lhe... as escravelhas.

— Então que o traz por cá? Alguma entrevista?

— Exacto! Desejava que V. Ex.^a me desse alguns esclarecimentos acerca do estado das finanças do Estado.

— Com todo o gosto. Mas sente-se, esteja á sua vontade. E arrebite-me essas orelhas que vae ouvi-las boas.

— Arrebite as orelhas, sim senhor. Todo eu sou ouvidos.

— As finanças chegaram a um estado comatoso com o Mattoso dos Santos e Espregueira. Isto são contos... de réis muito compridos, que levam muito tempo a contar.

— Mas seja breve ou antes semi-breve.

— Seja. Como deve saber, os governos monarchicos só pensavam no *Fausto*. Não havia massa... coral que os fartasse. Quando os srs. Relvas e Innocencio Camacho, vieram, viram e viraram os cofres do avesso, não encontraram um *camôcho*. As fontes de receita tinham sido...

— O chafariz do rei.

— Perfeitamente. E

o povo o poço dos negros e mouros, exausto de fundos.

— E vê algum meio de endireitar as finanças?

— O meio é não estar com meias medidas... de fazenda, cortar o mal pela raiz, pondo-lhe a raiz ao sol sem dó nem piedade. Córtes a valer.

— Um verdadeiro *Barbeiro... de Sevilha!*?

— Exacto, e que cortasse rente á escovinha, mas por cima. Que acabasse de vez com os sorvedouros dos dinheiros publicos, com os altos potentados. Para elles sustentarem luxo e amigas... de carne e osso, sustenta-se o contribuinte a migas... de bacalhau.

— Bravo! Isso é que se chama tocar nos poderes... de ricos.

— Depois, correr com os pretendentes aos empregos publicos, o que elles querem é casa, cama e meza... do orçamento.



—Isso não é *cantata*?

Não senhor. Em todo o caso já alguma coisa se tem feito; depois lá diz o *adagio* «De vagar se vae ao longe». Já se tem conseguido alguma coisa. Por exemplo: que alguns empregados do Ministerio das Finanças vão á repartição. Antigamente aquillo era uma dança com as horas de entrada.

—Um verdadeiro *bailado das horas*.

—Isso mesmo. Agora anda tudo nas horas... de estalar. Para evitar que os empregados façam fugas... de *Bach* fê-los o sr. Relvas achatar o *béque*, pondo-lhe *ponto* de entrada e *contra-ponto* de sahida. No tempo do velho regimen, no Tribunal de Contas só se faziam contas... de cabeça; nos «Proprios Nacionaes» era proprio e nacional não pôr lá o pé. A junta de Crédito Publico era, salvo seja, uma junta de bois, pelo andar vagaroso; na Caixa Geral de Depositos, quem lá fosse, tinha de grammar um compasso de espera... gallego de palmo e terça. Hoje isso mudou de figura. O *lento* foi substituido pelo *allegretto*.

Mudando de assumpto, o sr. José Relvas ainda toca a sua *sonata*?

—Isso sim, mal tem tempo para dormir a sua somneca.

—Nem á noite vae o seu *nocturno*?

—Ainda menos. *Guarda... nocturnos* de Chopin e *sonatas* de Schubert para se entregar ao estudo do estado do paiz. Depois que é ministro trocou o arco pela arca do thesouro e as operas pelas operações financeiras. Algum tempo que lhe resta é para a instrumentação do orçamento.

—O snr. «Stradivarius» podia-me dizer alguma coisa acérca da area da cidade?

—Isso é uma *aria* de mais difficil execução do que a *aria das Foias*.

—E a syndicancia á Casa da Moeda?

—E' um rosario de *Padres Nossos* e *Aves Marias*. E' uma partitura de tom *grave*.

—E *agudo*!

—E bicudo! Para o Gneco foi opera... bufa. Mas o Graça não lhe achou graça nenhuma.

—E os pagamentos do porteiro do Ministerio da Fazenda?

—Era um joguinho de porta para alguns ministros e uma *valsa* da *Viuva Alegre*.. para D. Maria Pia.

—E a marcha do Governo?

—E' a marcha do *Profeta*, que prophetisa coisas extraordinarias.

—Aqui para nós, dizem para ahí que o ministerio não afina todo pelo mesmo diapasão?

—Parece que sim, que andam um tanto *afinados lá* entre *si* mas que, para não prejudicar a *ré*... publica, não desafinam por emquanto. Agora quando fôr a *ouverture* das Constituintes, cada um *tocará*.. a rebate para seu lado. Entrarão os instrumentos de percussão acompanhados de *pratos*...

—Limpos? E é a isso que chama musica de Camara?

—De deputados, sim senhor.

—E ao Zé que instrumento dão na orchestra?

—Como hoje é soberano, o de *bombo* n'uma festa e se apitar, cae-lhe o Carmo com uma carga de Cavallaria... *Rusticana* da Guarda Republicana, que o faz andar a toque de caixa!

—Isso é o que vem a ser musica classica... da nossa terra.

—Tal qual!

—Ahi não andará exagero? Isso não será tocar rabeça de mais?

—Talvez, mas não deve levar a mal, porque eu não toco outra coisa.

—Ainda a ultima e irrevogavel pergunta:

—Diga.

—E que fará o sr. Relvas se a *desafinação* se der?

—Eu lhe digo: como *virtuose* que é, não ha de querer os tympanos escangalhados, e se por lá lhe derem algumas patadas *passa-se*, com certeza, para os Patudos.

Agradei a amavel entrevista ao illustre «Stradivarius», apresentando-lhe os meus cumprimentos.

Ao descer a escada do hotel, lembrei-me do meu amigo e correligionario Cicero, e exclamei indignado, como elle, n'um dia em que estava a chover e se esquecera do guarda-chuva em casa:

—O tempora! O mores!

15-3-911.

CARLOS SIMÕES.



Antigamente guardava, com a vara episcopal, esta vara de porcos; hoje guarda um conto e duzentos. Elle é barro, sr. Barroso!

Coisas e Coisas

o namoro

Quem quizer ler o panegyrico do distincto cavalheiro, apresse-se a comprar um *Conselheiro dos amantes*. E' lá que costuma estudar-se-lhe a genealogia. Porque o Namoro tem sangue azul, sim senhores. No numero dos seus antepassados encontra-se o João Quinto das investidas a Odivellas. E quantos nobres foliões de archeologia pagodeira não lhe encheu a arvore geneologica de rebentos promettedores filhos de rechonchudas damas e de clérigos fidalgos!

Vamos lá, chamemos-lhe até *real* visto que é apparentado com os *reaes malandrins*. E as damas da alta não-de gostar de mim porque lhes recorde o tempo que passou e que não volta mais... E eu hei-de gostar das damas da alta porque tive a *esmola dos seus olhares piedosos* na consagrada phrase d'um caixeiro de pannos.

O Namoro é irmão do Flirt. Mas differê muito nos costumes. Ao passo que o Flirt é todo delicadeza, o Namoro é quasi sempre ridiculo e o que certos reporters maliciosos annunciam caso interessante, não passa a maior parte das vezes d'um escandalo completo.

Burguezinhas nervosas não vos intimideis. Eu conheço muito bem as vossas pequeninas fraquezas com o Senhor Namoro mas nada revelarei nem dos beijos trocados furtivamente nem dos dialogos quentes que vos trazem de noite *sonhos de côr de rosa*.

Discreto como sou não fallarei a ninguem da scena picaresca em que vos surprehendi uma vez com o caixeiro, um rapaz garboso de bigodes retorcidos e gravata flamante.

Nem vosso pae saberá nunca, para vos não fulminar num raio de colera olympica de tragedia, que certo cadete assalta á meia noite a janella do vosso quarto. Não.

Eu guardarei tudo para mim. Até as cartas que me dizem que andaes de relações cortadas com a grammatica do bom senso, até essas cahirão no abysmo horrivel da minha gaveta dos papeis velhos.

—Uma das vossas creadas confundiu-me hontem com a bacharel Abreu e disse-me que fosse lá ás 11 da noite que a menina esperava no corredor.

E eu generosamente desfiz o engano só para não soffrerdes uma decepção amarga.

Mas vêde a quanto vos tem obrigado o Senhor Namoro, burguezinhas hystericas.

Aristocraticas princezas tambem vós andaes intimamente relacionadas com S. Ex.^a. Nem admira. Questão de parentescos e linhagens!

Ha pouco ainda trocastes olhares apaixonados com aquelle *pãozinho* no electrico.

Disseram-me que no baile dos condes de L... emquanto as senhoras *maduras* dormiam ou fingiam dormir vos affastates para logar escuso e lá ouvido indiscreto escutou a symphonia de beijos rapidos, electricos, voluptuosos.

Será verdade?

No sarau de ha dias eu percebi que alguma coisa vos espicaçava a curiosidade. E pude descobrir afinal varios binoculos que vos procuravam com insistencia.

—A carta que hontem o gallego da esquina entregou á vossa creada de quarto, foi o epilogo solemne das tentativas do theatro.

Eu li-a antes de ella vos ir parar as mãos.

Era uma declaração d'amor grotesca que follava em *dynamite de paixão* e quejandos explosivos.

Cautellá, Donas!

Olhae que custa um pataco cada linha de amor, actualmente.

Fazei os calculos se sabeis multiplicar e vêde a quanto monta a importancia das cartas que o imbecil do vosso *eleito* (pois não é assim que lhe chamaes?) vos vae escrever todos os dias.

—Quem sabe lá quantos *eleitos* tendes e qual é o verdadeiro?!

Os annuncios de amor que andam pelos jornaes são os cartazes da cretinice agaloada e os diplomas de pelintras aristocracias.

Vamos, ponde fóra o Senhor Namoro seja elle um neurasthenico parvo, um cadete mulherengo, um poeta delambido ou um caixeiro idiota.

Se o vir pela rua o povinho, decerto chama-lhe thalassa e leva-o para o Limocero na grande apothese... das batatas.

10-4.

N. S.

Ir buscar lá . . .

(Aviso aos nossos collegas)

O mister de redactor d'um jornal tem seus espinhos, como vamos demonstrar.

Ha mezes um nosso amigo, resolveu fundar n'uma villa proximo de Lisboa, um noticiario semanal de critica acerada dos acontecimentos locais.

O primeiro numero continha um ataque directo a uma sociedade intitulada—«Os homens da Cruz Vermelha»—que segundo constava, era composta de individuos de reputação um pouco duvidosa e que se haviam associado para fins pouco dignos, e chamava a attenção das autoridades para essa associação.

Uma carta anonyma adverte o redactor de cessar com taes ataques ou a arriscar-se a levar uma boa carga de pau, caso continuasse.

Na semana seguinte, nova e ainda maior *tosca* apparece no jornal. Pois bem, n'esse mesmo dia, estando o nosso amigo sentado á sua banca no escriptorio da redacção, vê entrar bruscamente um estranho e robusto personagem, possuidor de longos bigodes e armado de uma bengala de canna da India de respeitavel grossura.

—O senhor é que é o redactor d'*O Farpão*, pergunta insolentemente o personagem?

O redactor adivinhando pouco mais ou menos a intenção do patusco e sem se desconcertar, responde:

—Acaba de sair d'aqui, eu sou seu escrevente, mas se quizer eu vou chama-lo. No entanto pôde sentar-se e lêr os jornaes que por ahí estão. E sahio.

O terrivel sujeito, sem dar mais palavra, assenta-se, cruza as pernas, colloca a bengala junto de si e começa a ler o folhetim de um dos jornaes. Durante este tempo o redactor desce tranquillamente a escada e encontra á porta da rua outro personagem de aspecto repellente, armado tambem de um enorme *casse-tête*, e que entrava esbaforido.

—O senhor é o redactor ou proprietario d'*O Farpão*, lhe pergunta o sujeito com voz cavernosa?

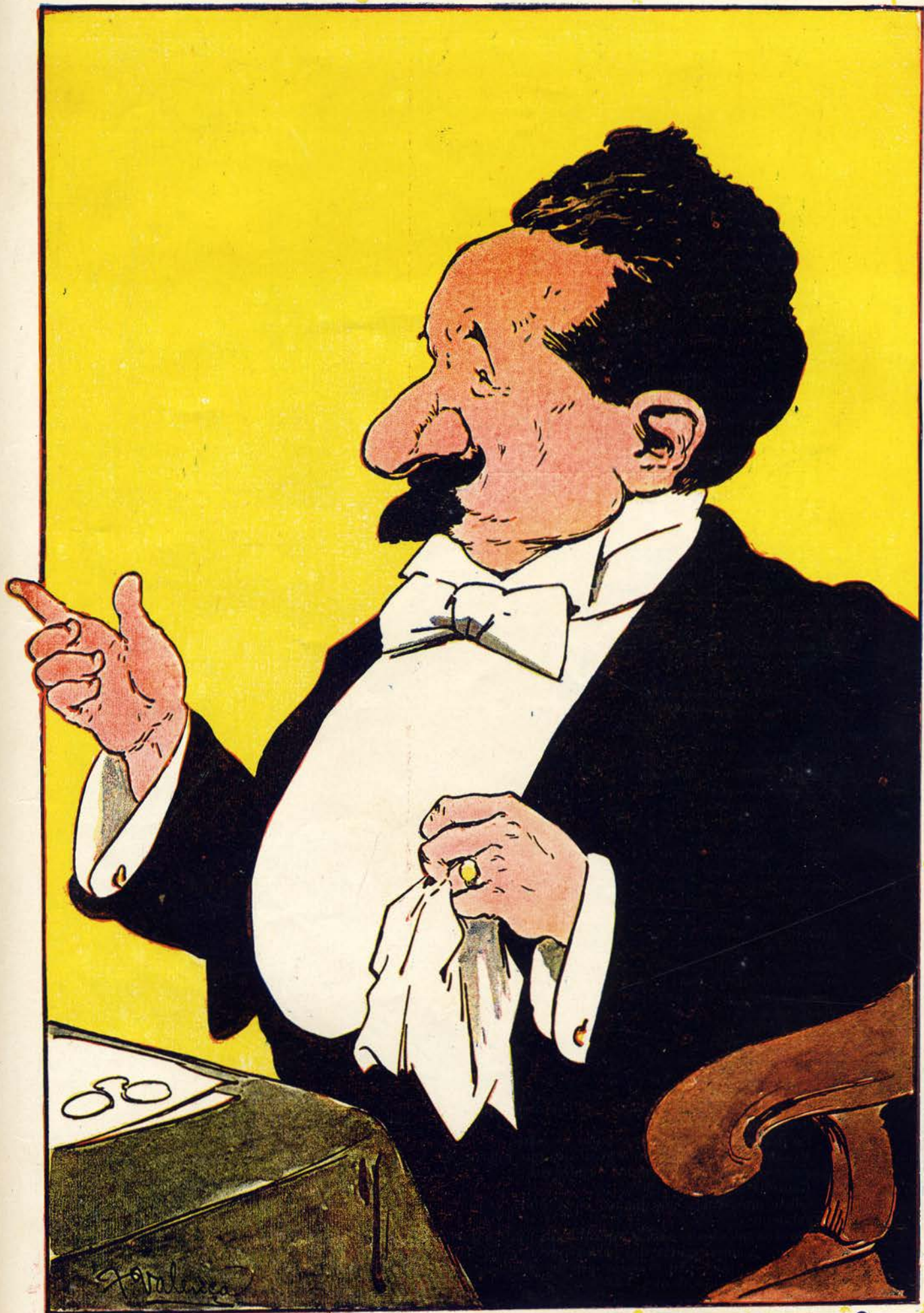
—Não senhor, mas se quer oncontrá-lo, suba lá acima ao escriptorio e vel-o-ha lendo os jornaes.

O figurão sobe desvairado os degraus a quatro e quatro, entra no escriptorio, e lançou-se sem reparar, ao individuo proprietario da canna da India, que por seu turno e julgando tambem que era o redactor, lhe corresponde dignamente, acabando por chegar a polica e levar os dois homens para o calabouço da esquadra proxima onde se reconheceram, percebendo então o logro em que haviam cahido.

Na semana seguinte o jornal contando o caso com a mais engraçada *verve*, fustiga desapiedadamente a tal associação, e até hoje não consta que o redactor tornasse a ser pelos membros d'esta outra vez incommo-dado.

S. GUERREIRO.

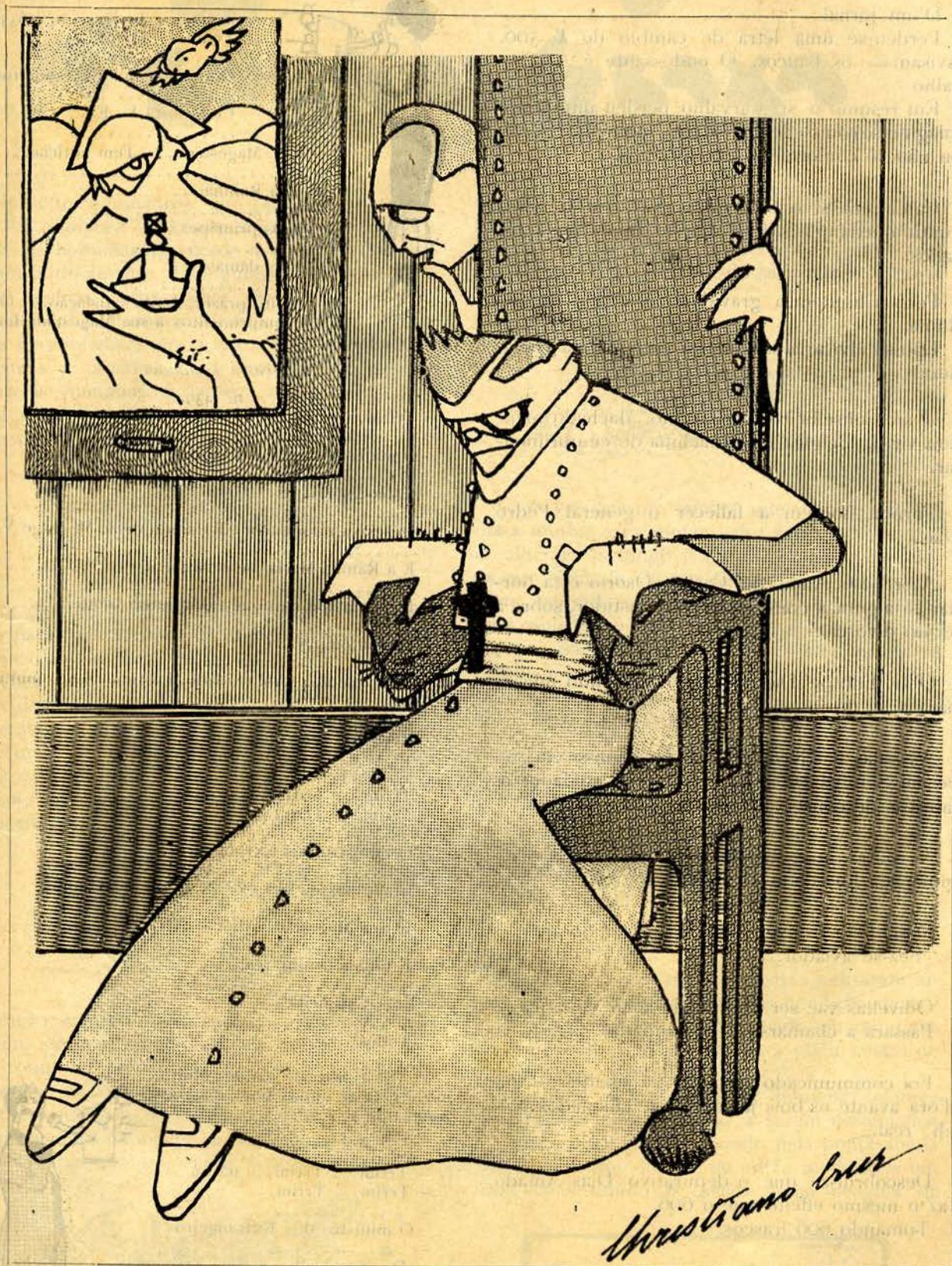
UMA THESE TÊSA



— A economia política, meus senhores, é a sciencia de reduzir os reis á expressão mais simples . . .

VO TELEPHONE

NOTICARIO



Já não ha fé...

-- Deus tem o mundo na mão, porém, coitado, já não tem mão no mundo.

NOTICIARIO

AO TELEPHONE

D'um jornal:
Perdeu-se uma letra de cambio de £ 500.
Avisam-se os bancos. O endossante é A. Carvalho.

Em resumo o sr. Carvalho perdeu uma letra. Imagine-se como elle se vê n'este momento! Se vê, ou não vê conforme a letra perdida.

Cahiú em si o sr. Santos Tavares. E' a segunda queda que s. Ex.^a dá este anno. Maldictos callos.

Perdeu hontem a gravidade o sr. Dr. Tabor-dinha.

Dão-se alviçaras a quem a entregar na Havana.

O sr. Conselheiro Bernardino Machado mandou vir da Belgica uma machina de cumprimentar.

Tornou hontem a fallecer o general Pedro Dias.

A sr.^a D. Anna de Castro Osorio está bordando algumas considerações a bastidor, sobre a lei do divorcio.

O sr. Filippe Duarte está escrevendo musica para a lei do inquilinato.

As balas das Kropatcheck puzeram-se em greve em Setubal. O povo apontou os soldados ás fabricas de conserva e matou duas sardinhas.

Na outra margem do Tejo entrou-se no regimen da liberdade. Bem dizia o 123.

O sr. João Gouveia passou a viver do ar.
Fez-se aviador.

Odivellas vae ser illuminada a luz electrica.
Passará a chamar-se: Odilampadas.

Foi communicado a todos os ganadeiros que d'ora avante os bois jámais serão chamados por: eh! real.

Descobriu-se que o depurativo Dias Amado, faz o mesmo effeito que o 606.
Tomando 606 frascos.

O tratamento de illustres vae passar a i-candieiros.
E' mais democratico.

Continua doente em casa, o sr. José d'Alpoim.
S. Ex.^a soffre de apertos de mão.



8 horas da manhã

— Trrim... Trrim... n.º 1635.
— Trrim... Trrim...
—
— O ministro dos Extrangeiros
—
— Como está V. Ex.^a,
—

— E S. Magestade... Tem noticias? ...

— E' a Rainha? ...

— E os principes? ...

— E as damas? ...

— Muito prazer, muita satisfação... Os meus cumprimentos a sua Magestade Imperial Guilherme II.

8 horas e 5 minutos

— Trrim... Trrim... n.º 439.

— Trrim... Trrim...
—
— O ministro dos Extrangeiros.
—
— Como está v. ex.^a
—
— Desejava informar-me da saude de S. M. Jorge V.
—
— E a Rainha Maria, bem tambem?
—
— E o principe real que é tão interessante?.....
—
— E o automovel real?
—
— Na corneta... Ah! cuidado. Lastimo. Sinto muito.
—
— Muito folgo.
— Recados a Sua Magestade.

8 horas e 10 minutos

— Trrim... Trrim... n.º 408

— Trrim... Trrim...
—
— O ministro dos Extrangeiros.
—
— Como passou sua ex.^a desde ha duas horas
—
— E Sua Magestade Affonso XIII?
—
— E toda a familia real?
—
— E os 5 principes?
—
— Todos?
—
— Ah! Todos de saude? Muito prazer. Bem, muito bons dias, ás ordens de V. Ex.^a.

8 e um quarto

— Trrim... Trrim... n.º 69.

— Trrim... Trrim...
—
— O ministro dos Extrangeiros.
—
— Desejava fallar a Sua Eminencia...
—
— Em Roma? Ah! é verdade. Quando escrever recomende-me a Sua Eminencia e a Pio X.
— Sua Excellencia, monologando:
— Pio... Pio... Muito suam o nome, coitado, talvez seja um sincero.



A BOLCHA DE FOURO E A CAIXA DE GRAXA

Os actuaes ministros, que já, nos tempos duros da «ominosa», haviam sido alvos de toda a sorte de homenagens, desde o centro á bolacha, foram ultimamente distinguidos com uma, que com ineditas caricias lhes deve ter afogado a vaedadesinha marota: a caixa de graxa. Havemos de confessar, que é para commover até às lagrimas a creatura mais desprendida das vãs gloriolas humanas, a certeza de que irá, pela posteridade adeante, soberbamente gravado na tampa d'uma caixa de graxa.



Eu não sei o futuro que me está reservado, mas dado que venha a immortalisar-me nas paginas d'algum livro immortal, a todas as glorificações que possa merecer dos vindouros reconhecidos, á propria estatua, prefiro esta, que a enternecida admiração d'um industrial do meu paiz inventou e poz a correr mundo: — a caixa de graxa, (e querem que lhes falle franco, nem mesmo bem sei dizer-lhes ao certo a razão d'esta preferencia, mas a verdade é que a nova con-

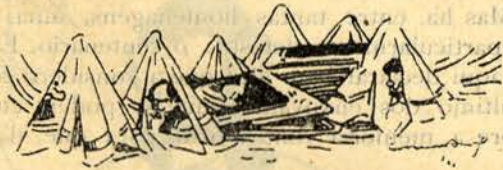


sagração calou fundo em meu espirito, e lá se alojou sympathicamente como nenhuma outra. Creio que tal predilecção virá, em grande parte, da esperteza que se esgarça por entre a apparente exquisitice dessa homenagem, que é no fundo a mais natural e a mais logica: o fabricante, supponho eu, tinha alguma pretensão a



fazer valer perante o «provisorio», e vae d'ahi (ponha-se o leitor no lugar d'elle ...) tratou de par graxa... aos ministros. E talvez que a mi-

nha sympathia venha um tanto tambem da embirração que voto ás homenagens banalmente uzadas, estafadas em consecutivos annos de relaxado uso, e que iam do sabonete ao lenço de assoar.



Cada vez que me lembro que pôde ainda um dia a minha cara andar pelos lenços de assoar, recolhendo o pingo d'alguma velha defluxada, dá-me vontade de me sumir na obscuridade d'um ignorado e o mesmo acontece quaddo no meu espirito se apresenta a possibilidade de ainda um dia, desfeito em branca espuma, vir a ensaboar as pernas, azuladas de turgidas varizes, de alguma regateira, ou mesmo o pé deformado dos joanetes, de algum juiz do Supremo!



Porque, não sei se os senhores pensaram alguma vez no caso a serio: a condição de homem illustre encrava o desgraçado em requintes de precocidade, de que só ha a pedir costas de Africa para o desfôro.

Imaginem-se os senhores, homens celebres consagrados pela bolacha, a serem desalojados das luvas d'um queixal furado pela ponta afiada d'um palito dos dentes; ou então modelados em osso, constituindo o castão duma bengala de



canna da India!... Porque, estejam os senhores certos disto: se ainda nenhum bengaleiro finorio deu n'isso, a cara dos homens illustres não tardará a surgir-nos, pelas bengalas, em castões de osso... E eu revejo-me já em um domingo de musica, passeando pela Avenida, fustigando o passeio com a minha *badine* dr. Bernardino Machado, emquanto a meu lado passeiam vultos antipathicos de policias da secreta, arrimados a pezadas bengalas dr. Brito Camacho...



Mas ha, entre tantas homenagens, uma, que eu particularmente detesto: o centenario. E devo aqui declarar bem alto que a considero como o ultimo dos enxovalhos, que se podem cuspir sobre a memoria dum morto, para que, d'aqui

por oitenta annos, eu não me veja obrigado a voltar a este «valle de lagrimas», feito cardo ou tojo na incessante transformação da Natureza, e expetar-me com toda a força na derme desavergonhada da malta centenariante!

E' que eu tenho ainda bem presente no meu espirito o centenario de Alexandre Herculano, no anno passado, com discursos de Quinhones, locaes do José Luiz de Almeida, pasteis á Alexandre Herculano, bacalhau *idem*, e compridas bichas de pobres patetas, (cortejos civicos, lhe chamavam), que nunca lhe haviam lido uma linha, derrichando para as janellas as Soisas e as Pires...



Coimbra.

ALBERTO DE CASTRO



Authentico rival portuguez de Fregoli, tem sabido conquistar lá por essas Africas e esses Brazis, em successivas excursões, louros e louras á farta; LOUROS que não são papagaios e LOURAS que não são das PINTADAS mas antes do mais puro e rico metal sonante...

Pois que nunca a garganta lhe dôa nem a bolsa se lhe esvasie.

FEMINISMO



«A quoi rêvent les jeunes filles».

Legal da Camera

O Vento



“A Satira,, tem o prazer de imprimir a primeira poesia que o sr. Alberto Monsaraz produziu depois da publicação do seu livro «Sol Creador».

O vento vae tocando a sua op'ra
Aos zumbidos,
Aos grunhidos,
Silvando aterrador e fero, só p'ra
Levar o pollen
Aonde o sol em
Pino illumina o campo e a várzea inteira.

O vento é dado a esta maroteira!

E sacode os pinheiros; e sacode
A herva verde:
Falta ao dever de
Respeitar as glycinias e o pó de
Tantas hervinhas, tantas lorangeiras.

O vento é dado a estas maroteiras!

E elle assobia
De noite e dia,
Virgem Maria!
Elle assobia!...
Elle assobia!...

Isto é verdade,
Como é verdade
Que o alto ceu é todo azul ..
Não é mentira,
Porque m'o disse hontem á noite a Zul
Mira.

ALBERTO MONSARAZ

A SATIRA

No proximo numero, caricaturas de

Leal da Camara

Entrevista ...

*Onze horas, quáse. A hora combinada ..
Como o tempo demóra
para quem ama e espera!
Pela noite fechada
Vou caminho da casa onde ella móra
entre festões de rosas-chá e de hera...*

*Espero. E talvez cêdo. E a janella
do quarto della
parece entreaberta...
Espero ainda. Meia noite... uma hora...
Uma hora, e eu álerta!*

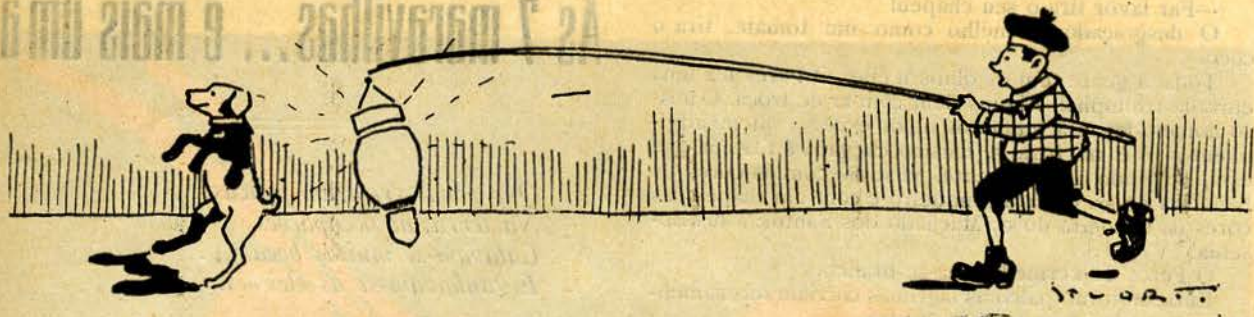
*Não vem, penso comigo. Vou-me embora.
O'lho ainda uma vês. Paro um momento...
E ella, não ha duvida, acenando...
E retrocêdo... vou-me aproximando...*

Era a cortina, esvoaçando ao vento!

M. CARDOSO MARTHA.



Esteve quasi a ir a pique, mas voltou a navegar em maré de rosas... com alguns espinhos.



Oh!... as mulheres

O Peres era um rapaz empregado em uma repartição qualquer, um pouco ruivo, um pouco myope, um pouco acanhado, um pouco calvo, um pouco surdo e usava luneta.

Namorava uma linda rapariga que morava alli para o Intendente, por cima d'uma capelista que tinha um maço de ganchos e o retrato do sr. Affonso Costa na montura.

Um dia o Peres foi prevenido por uma carta anonyma (que infamia!) que a sua namorada a sua divinal Euzebia, aquella por quem elle tantas vezes faltara ao ponto e por causa de quem recebera tantos lembretes do Vianna, (O Vianna era o chefe da 3.^a Repartição Geral da mandria nacional, onde o Peres era empregado) que a sua noiva á *facia* do céu e do sr. Affonso Costa da capelista o atraioava. E mais; que n'aquella mesma noite devia ella ir ao Theatro da Republica, para uma friza offerecida pelo novo namorado. E mais; que esse namorado era o Alberto Limpo, glob-troter e athleta afamado, jogador e libertino, conquistador, etc.

O cumulo da infamia!...

Escusado será dizer que o Peres não acreditou uma palavra da tal carta.

Contudo, para descargo de consciencia, á saída da repartição passou pelo Intendente. Olhou para a janella da pequena. Ella lá estava sorrindo amavelmente por dentro dos vidros.

Não havia duvida!... era uma calúnia! E foi jantar.

Mas n'aquelle dia jantou mal. Tinha um nó na garganta; tinha uma pedra no sapato.

Parecia-lhe vêr n'uma nuvem de sangue, sorrindo sarcasticamente, diabolicamente o Affonso Costa da capelista do Intendente.

Que infamia!

Mas, de repente teve uma ideia!

Por que não havia elle de ir tambem ao theatro?... Sim; porque não havia de se ir certificar pessoalmente se o ataque de influencia que tão subitamente acomettera a sua doce Euzebia não era apenas um subterfugio de occasião?

Que infamia!

Sim. Decididamente iria. Não tinha os oito tostões para a cadeira mas como era amigo do ajudante do desenhador do «Mundo» facilmente arranjará um bilhete de theatro para aquella noite.

Por isso, cheio de resoluções tragico-amorosas, metteu pernas a caminho e bem depressa chegou á porta do democratico periodico.

Limpou um pouco a lama das botas, subiu a escada e entrou pelo salão.

—O senhor Jacintho d'avelar?

—E' no terceiro andar.

O Peres subiu ao terceiro andar, fallou ao Jacintho questionou com o Jacintho, implorou o Jacintho e tanto ceringou o Jacintho, que este afinal, para se vêr livre d'elle desceu ao salão.

—O sr. França Borges?

—Não está, foi jantar.

—E' que eu queria um bilhete para a Republica.

—O quê?... Hoje?... Com a «Promessa», em scena? N'esse valle de lagrimas, ora pois... é melhor desistir!

O Peres embatucou. Levou a mão machinalmente ao bolso e tirou de lá uns cobres. Sommava tudo 230. Olhou para o Jacintho.

O Jacintho percebeu mas fez-se Lucas.

—Oh! filho! faltam-me só 590... murmurou o Peres.

—Bem, pega lá os 590... mas agora vê lá não te esqueças no fim do mez! Com as rendas aos mezes, já fazem bastante falta.

—Oh! .. menino! .. Por quem és!

E o Peres, depois de apertar cordealmente a mão do Jacintho, metteu no bolso os 590 e abalou como uma pella pela escada abaixo.

D'ali a alguns minutos, descia solememente os degraus que conduziam á plateia do Theatro da Republica.

O pano acabara de subir.

O porteiro atraz do Peres:

—Numero 67. Faz favor .. fila H. Deseja binoculo?

—Não senhor... muito obrigado.. (para um sujeito muito gordo que estava na primeira cadeira da fila H) com licença!... (piza-lhe um calo).

O cavalheiro gordo:

—Arre!...

O Peres:

—Perdão! ..

O gordo:

—Estes sujeitos que veem á ultima hora!—(levanta-se com mau modo).

O Peres fazendo-se muito magrinho, lá vae andando em bicos de pés e de chapu na mão aos encontrões ás cadeiras da outra fila e aos penteados das senhoras a quem vae pizando os pés, murmurando sempre;

—Com licença... Perdão... com licença!

Finalmente chega á cadeira 67 e senta-se.

Mal se sentára recebe um grande socco nas costas. Volta-se indignado.

—Voçê não vê que se sentou em cima do meu chapu? .. scu estúpido!!—grita um rapaz de bigode á Kaiser e melenas provocadoras que estava sentado na cadeira logo atraz do Peres.

O nosso homem levanta-se muito atrapalhado, põe o proprio chapu na cabeça, agarra o chapu do outro que estava meio esborrachado, endireita-o melhor que poude e entrega-o ao outro, gaguejando:

—Perdão... peço mil desculpas... não reparei! ..

As outras pessoas que estavam atraz do Peres comecam a murmurar e ouve-se por todos os lados:

—Schuu.. schuu.. sente-se .. abaixo .. cale-se...

O pobre Peres, cada vez mais encavacado, calou-se e sentou-se. N'isto chega-se um porteiro ao pé d'elle e diz-lhe;

—Faz favor tira o seu chapéu!
O desgraçado vermelho como um tomate, tira o côco.

Toda a gente tem os olhos n'elle. O Peres fez uma entrada triumphal. Alguns riem com ar de troça. O nosso homem levanta enfim os olhos e vê... quem? advinhem... Vê na friza 3, mesmo chegada á fila em que está, sorrindo ironicamente, vestida com as côres da bandeira do sr. Guerra Junqueiro e com um chapéu das côres da bandeira do sr. Machado dos Santos, a sua Euzebia!...

O Peres de vermelho, fez-se branco.

Entretanto no palco as lagrimas corriam serenamente ameaçando inundar a orchestra.

A senhora Adelina Abranches parecia uma linda barquinha vogando nas cheias do Douro.

Algumas pessoas fungavam disfarçadamente. O pano desceu.

O nosso Peres da cadeira 67 não tinha por um momento sequer afastado os olhos da friza n.º 3, onde estava a Euzebia.

Ella tambem olhava sorrindo na sua direcção.

O infeliz sentia-se renascer. Estava quasi a levantar-se para a ir cumprimentar, quando sentiu que lhe tocavam no hombro.

Voltou-se e viu o rapaz do chapéu amachucado que chegando-lhe a bocca ao ouvido lhe disse por entre dentes!

—Podia vir comigo ao salão? Tinha que lhe falar em particular.

O Peres levanta-se obsequiosamente e, sem saber bem o que fazia, seguiu o outro ao salão. Este leva-o para um canto e diz-lhe:

—O cavalheiro faz o favor de me dizer para que estava a olhar insistentemente para a friza n.º 3, onde estava uma senhora com chapéu verde?

—Mas... Parece-me...

—O cavalheiro fica intimado a não tornar a olhar para aquelle lado sob pena de eu lhe fazer o mesmo que o senhor fez ao meu chapéu! Percebe?

—Mas... senhor!... é a minha noiva!...

—Ah! é?... Pois estimo muito sebel-o!! Eu chamo-me Alberto Limpo, sou athleta e parto-lhe a cara logo á sahida se continua na mesma, percebeu?

O Peres ficou atordoado.

Era então verdade!

Que infamia!...

Largo tempo ficou ali immovel, petrificado, abanado, achatado! Passavam-lhe por deante da vista os objectos mais estranhos e estravagantes. Parecia-lhe vêr dançar deante d'elle o retrato do Affonso Costa da capellista do Intendante, sorrindo sarcasticamente diabolicamente...

Por fim, como um automato, sem norte, sem destino, saiu. Chovia. Não sentia a chuva. Na sua imaginação perturbada via passar constantemente, insistentemente o Affonso Costa do capellista.

E o Peres murmurou:

—Ah!... o divorcio... o divorcio!... sem se lembrar o pobre rapaz, que para se gosar as delicias do humanitario decreto é preciso pelo menos... ser casado.

A. ACRIO.



As 7 maravilhas... e mais uma

*Que pena serem tão poucas,
Na terra, as occupações
Calavam-se muitas bocas...
E ganhavam-se as eleições.*

*Opulentissimo ente
É bem cuidado menino,
Que conhece lindamente
Misterios... do violino.*

*É util—sim! na verdade... —
Ter bem limpas as estradas.
Mas qual é a utilidade
De usar orelhas lavadas?*

*O' senhor Deus! sê clemente
P'ra o teu amigo, coitado!
Desde que está presidente
Anda cõ'o sono atrazado...*

*Tu não és muito profundo...
—Pelo menos eu presumo.
Não segues as leis do mundo:
Tens fogo... mas não fazes fumo...*

*É bem triste aquella sina
E causa-me compaixão:
Ter a juba leonina...
Sem ter nada de leão...*

*Se Deus á terra desceu
E d'elle o sorriso visse,
Talvez ainda não crêsse
No que o filho já lhe disse...*

*Tem pouco tino as mulheres
Porque tem muito cabelo.
Então como é que tu queres
Ser alguém, com tanto pelo?*

A. FARIA



CRUZES SATANAZ



Esta gravura foi feita a 10 de Fevereiro por Alfredo Candido e copiada e reproduzida em Abril do mesmo anno no jornal O ZÉ, pelo snr. Silva e Sousa.

CONCURSO HIPPICO

Entrevista com o cavallo "Lamarco,"



Cap. Campos Juiz de campo

Visto as gazetas já terem entrevista-do alguns burros, julgámo-nos no direito de procurar ha dias o Senhor Cavallo «Lamarco», que ganhou o primeiro premio da prova «omnium» no concurso hippico da Palhavã, no dia 12 do mez passado, afim de sabermos as suas impressões acerca d'aquella festa. O Senhor «Lamarco» recebeu-nos amavelmente na sua cavallariça, atirando duas inofensivas parellhas, e relinchando:

— Queira esportar-se. O senhor é dos jornaes, segundo me informou o impedido, e eu te-

nho muito gosto em recebe-lo.

Agradecemos e inquirimos:

— O senhor Cavallo pode dizer-nos alguma coisa das suas impressões a respeito das corridas?

— Oh! uma indecencia. Aquillo era de a gente atirar com os apparatus ao ar. Faltava o chic, a linha, a distincção dos annos anteriores, Alem d'isso fizeram-nos passar privações angustiosas. Antigamente havia palhada á farta e agua da boa, n'uma bella tina que era da gente se consolar. Este anno nada para comer; só Relvas e ainda esse lá em cima na Tribuna a uma grande altura, como obstaculo que não se pode saltar. Agua, havia o Ribeiro, (o Helder conhece-o) mas tambem na Tribuna.

Era o supplicio de Tantaló, Hornoel.

Eu já o devia suppor. Era em Palhavã e o que é vão não é certo.

— Mas apesar de toda essa má disposição o senhor «Lamarco» ganhou a corrida.

— Sim, ganhei, mas só com um intuito politico. Eu quiz provar

aos jacobinos que na monarchia tambem havia meritos apreciaveis, coragem, força, valor para um commettimento, e então ganhei a corrida, sim, porque eu não adheri. Heide ser sempre o mesmo Cavallo «Lamarco».

— Muito bem, aplaudimos nós, muito bem senhor «Lamarco», cá marco duas á preta por essa moralidade. Mas que diz o senhor Cavallo da concorrência? Enorme não é verdade?

— Ora deixe-se disso. No tempo da Monarchia havia mais concorrência, mais entusiasmo, e aquella talassissima graça que hoje se não vê. Havia chic, espirito, aplomb. No anno passado quando a gente dava um salto bonito ou se chapava, o high-life bradava em côro uma palavra que não era ai nem ui, mas um trovão vocalico expressivo.

— E este anno?

— Este anno só se ouviu ai, ai... ui, ui... bravo, muito bem. Ora isto não é linguagem para cavallos. Com licença, (e aqui largava uma parella o senhor Cavallo).

— Mas havia lá muita gente distincta, objectamos nós.

— Sim, talvez, mas gente que não se manifestava, que não se mostrava. Nos outros annos iam até ás cavallariças, com muito bons modos, sempre aos pares, fallando baixinho para não me incomodarem, é claro. Este anno ninguem lá appareceu. Uma miseria.

— Viu lá o Dr. Alexandre Braga?

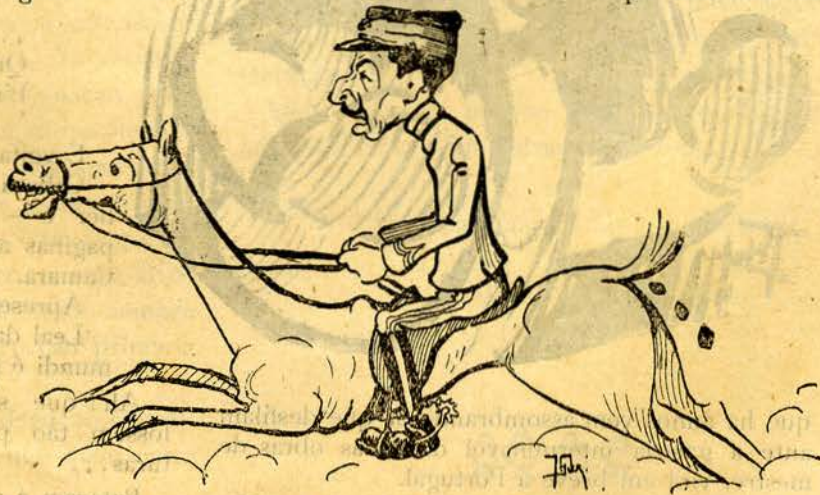
— Vi. Aquelle que tem juba de leão e não é governador civil.

— Que quer o senhor Cavallo dizer com isso?

— Quero dizer que o conheço, e que o governador civil é que é leão e não tem juba.

— Não ha duvida, concordámos.

— Duvida denhuma. Senão veja: é sempre assim: O dr. Affonso Costa é que tem casa em



TENENTE CALLADO

Manteigas e é o Bernardino Machado quem negocia com as ditas. O Junqueiro é que faz versos mas o poeta é o Julio de Vilhena. O Julio de Vilhena é que era o chefe, mas quem mandava era o José Luciano. A Republica foi feita para os portuguezes, mas o sr. Ministro dos Estrangeiros só dá conta aos estrangeiros... jornalistas do que a Republica faz. Tambem eu que sou cavallo, sou quem corre, mas quem ganha a corrida é quem me monta. Ora (e aqui pronunciou uma palavra na sua lingua nativa, que não podemos perceber, porque não tinhamos interprete em virtude de impedimento por motivo de doença do senhor Sevilha e do conselheiro Petra. E passando-nos as crinas do rabo pela cara deu-nos a entender que o massavamos. Despedimo-nos e sahimos.



JARA DE CARVALHO

LEAL DA CAMARA

Leal da Camara, esse bello moço, temperamento irrequieto de artista, o brilhante lapis



que ha annos vem assombrando os que desfilam ante a galeria interminavel das suas obras de mestre, virá em breve a Portugal.

Esta noticia da da de chofre quasi se não acredita; pensada causa alvoroço.

Effectivamente Leal da Camara, portuguez de coração, não poude vêr sem vibrar, as negras batinas dos seus compatriotas que o foram abraçar n'uma alegre romaria, como se visitassem um cantinho de Portugal no ateliér do grande caricaturista. Decidiu-se a acompanhá-los.

Não é dos portuguezes, não, sem duvida, que Leal da Camara tem mais saudades. Sempre só, á sua iniciativa e talento deve o logar que occupa, comquistado a traços de humorismo, despedindo golpes de pincel no campo immaculado da télia, no duro combate pela vida.

Mas, ha lá dentro d'aquella alma a visão das noites luarentas, o echo d'uma guitarra gemendo o fado corrido, no rematar d'uma quadra.

.....
Que eu hei-de voltar um dia
P'ra não morrer de saudade.

E volta breve.

Cabe á *Satira* o duplo prazer de o receber e — guardar religiosamente nas suas paginas as novas composições de Leal da Camara.

Apresental-o não é preciso.

Leal da Camara se não vem no mappamundi é porque todos o conhecem.

Ah! que se os compendios de geographia fossem tão procurados como as suas caricaturas...

Bateram á porta.

Deve ser elle.

CARTA DE COIMBRA

Coimbra 15-4-1911

Meu caro leitor

Aqui, na bonhomia pacata d'este burgo antigo, desde que o sol rompe, illuminando as frentes dos poetas, até que a noite desce, envolvendo em meia sombra os velhos edificios negros, ha uma coisa simples que tudo penetra, e uniforme e domina: o tédio!

Nada de original, nada de novo ou de flagrante.

Assim, ha uns tempos já que estou aqui, e ainda não vi mulheres com calções, o que é incomprehensivel, porque em Coimbra, ha muitas mulheres gordas, que teem usado sempre bigode...

Em compensação subsistem ainda uns restos do Carnaval. Certas meninas, que eu ouço dizer que são da *alta* trazem as perninhas frageis, á maneira de bombons, atados dentro d'uns saccos de sêda, que exoticamente denominam *travadinhas*.

Novas, meu caro leitor, novinhas em folha, ainda em botão, ainda por abrir, e já travadas!... Isto, que é escandaloso, dar-te-ha a medida exacta de quanto esta cidade anda afastada... do bom caminho!

Quanto a estudantes devo declarar-te energeticamente que vi hontem um! Foi no *Marques Pinto*, ás 6 horas da tarde. Informam-me que os estudantes costumam deitar-se agora... com as gallinhas.

Não é esta porêm a explicação que me deram uns commerciantes, muito sérios, já casados, e que não se deitam com gallinhas... Na verdade elles fallaram-me, com certa indignação, dos cursos livres; e eu vi alguns que se encolerisaram e alvoraçaram deante d'esta idéa apavorante: dos estudantes ficarem uns ignorantes... por não estarem em Coimbra. Nota alegre: o mais inflammado, o mais colerico, o mais alvoaçado de todos, é um que tem estado sempre em Coimbra... e não tem instrucção primaria mas sim um restaurant!

E já que fallei em culinaria, devo accrescentar em homenagem á verdade, que tudo corre bem sob este ponto de vista...



O sujeito dando o recado:

— E' uma escada com a porta em ogiva, entras no peristilo e vês logo uns saxes, e um buffette Luiz XV, em frente de um «panneau de chasse»...

O gallego interrompendo:

— E... habrá comboio para lá?

Assim, desde o mais honesto funcionario que voluptuosamente se refastellou, d'uma vez para sempre, á meza do orçamento, até ao mais pequenino svandija das ruas, espipado e sujo, com menejos de *bispo portuguez*, comem todos bem... e talvez um bocadinho caro.

Mas a proposito: o banquete do *Ramada Curto* era bem cosinhado.

E eu sei, particularmente, que ouve alguns brindes proferidos com muita *alegria* e certa elevação.

Digo *elevação*, porque ouve um orador que fallou de cima d'um estrado. Ejs tudo.

Seu para alguns artigos na *Satira*,

NOBRE DE MELLO



Rotunda da Chalça

Contam os jornaes que o parcho de uma freguezia do Mogadouro declarou aos seus parochianos que os filhos das pessoas casadas civilmente saem doidos ou aleijados.

Assustavam-se as mulheres e um pandego tratou de investigar se os paes do reverendo teriam sido casados pelo registo civil.

Buscou, rebuscou e não foi possivel encontrar nada a tal respeito.

Parece porém que não deram o nó nem pelo civil nem pelo religioso.

*

No ultimo domingo logo de manhã um policia civico encontrou o Melchiades sapaiteiro, cahido na rua com uma enorme *perua*.

Puchou por elle e nada.

O maldito roncava como um trombone.

— O' homem acorde, berrou o policia já zangado.

— Deixe-me dormir, respondeu o Melchiades. Estou no descanso semanal!

*

Diz-se que as casas de vinhos não podem vender a copo ao domingo para reprimir a embriaguez e civilisar o povo.

Essa civilisação... domingueira é de cabo de esquadra!

Mas ó velhinhos então a cerveja não embriaga tambem e quem beber um caldo e aticar-lhe dois litros não fica avariado?

Que grandes chuchadores!

*

Dizem de Inglaterra que o fugido ex-rei D. Manoel tem um diario em que escreve desde creança e que já consta de vinte volumes.

Que rico folhetim cá para a *Satira* se o ex-reisinho nos dêsse a honra de nos mandar a obra!

Não tinha trabalho a rever e a cousa sahia perfeitamente porque cá se punha a direito visto que, modestia á parte, ha aqui quem saiba grammatica.

Vale?



ELLA:

— Como se chama esse teu livro?

ELLE:

— A Honra.

ELLA:

— Gostava de ter.



O credor:

— Dentro de que hora encontrarei seu patrão?

O creado:

— Dentro de nenhuma porque só vem fóra d'horas.

RECEIO JUSTIFICADO



A MÃE — Ai filha, pareces tal e qual eu quando era nova.

A FILHA — Vê? E não quer a mamã que eu pense no futuro!

Uma sexta-feira no Ministerio dos Extrangeiros



Uma sala austera, fria e com vestigios conselheiraticos. Uma secretaria ministra com a competente cadeira de braços. Cadeiras. Um continuo sacode o pó da mobilia.

Continuo (canta distrahido)

— Varre, varre minha vassourinha, abana, abana meu abanador.

1.º jornalista (entrando)

Estar snr.^a ministra?

Continuo

Não senhor. A ministra não mora aqui. Está em casa com os meninos.

1.º jornalista

Ah! estar com meninas victimas da revolução?

Continuo

Não senhor. Nem ella nem os meninos foram victimas da revolução. Antes pelo contrario. *(Continua limpando e cantando).*

1.º jornalista

Oh! oh! Ser então heroes do mar?!!!

Continuo (enfadado)

No são erozes nem enguias. Nadam todos como uns pregos. *(continua cantando).*

1.º jornalista

Isso que vocemecê cantar, ser a Portugueza?

Continuo (cada vez mais enfadado)

Não senhor. E' o «varre, varre minha vassourinha», do Filippe Duarte.

1.º jornalista

Filippe Duarte ser tambem heroe da Rotunda?

Continuo (que tinha andado com o Chico Tezo, antes dos recentes acontecimentos)

O Filippe Duarte é um gajo que pucha para a banda do Solfa.

1.º jornalista (admirado)

Banda do Solfa ser algum amiga do Machado dos Santos?

Continuo

Qual amiga, nem qual historia! Solfa é uma sciencia, pela qual a gente clisa no papel uns pontinhos pretos qu'inté parecem restos de mosca, depois assopra e dá aos gadanhos que nem um damnado, tira roncões de dentro do aparelho tal qual os canhões d'alguns heroes da Rotunda.

1.º jornalista (que não percebeu nada)

Yes! Yes!

2.º jornalista (entrando)

Où peux je parler à Mr. le Ministre?

Continuo (olha intelligentemente mas não percebe nada)

2.º jornalista

Où est Mr. le Ministre?

Continuo (com ares entendidos)

Ah! quer aquella secretaria ministra. (áparte). Compreendo é dono de casa de mobílias, concorrente do Leal das Portas de Santo Antão (alto) Aquella secretaria, não lh'a posso dar. E' de muita estimação. Tem coçado muitos cotovelos ás pessoas que dormem em cima d'ella.

2.º jornalista

Mais...

Continuo (intérrupendo)

Não pode ser. Está cá ha mais tempo que eu que entrei ás 9 horas da manhã. O relógio registador que o diga.

2.º jornalista (impaciente)

Mais, bon Dieu, ça me peut desranger jé voudrait urgemment, parler à Mr. le Ministre.

Continuo (estupido)

O quê?! Quer desarranja-la? Estragal-a? Julga talvez que eu sou o porteiro do Ministerio da Fazenda? Pois está redondamente enganado. Sou porteiro para fechar e não para abrir. Estava a fazer de mim algum abre e fecha sem cordão? (começa a tirar conclusões para se atirar ao jornalista) Que ideia faz você de mim seu este, seu aquelle! (entra em scena a educação civica, conduzida pela lingua do continuo).

Ministro (entrando, aos jornalistas que o acompanham)

Haja paz, muita cordealidade. (Apparecem muitos corações pelas paredes ás palavras do sr. Ministro).

Ministro

Entrem, entrem meus filhos. Deixae vir a mim os pequeninos, como me dizia o Christo do Baeta quando estivemos expostos no Grandella. Sim, porque eu já fui engeitadinho, já fui exposto n'uma exposição de bellas artes.

1.º jornalista

Sinhorr, ser pae dos filhos de Zebedeu?

Ministro

Não senhor. Sou pae dos filhos de toda a gente.

Todos (admirados da fecundidade)

Oh! oh! Oh!

Ministro

Eu é que inventei a sementeira, a fecunda sementeira!

2.º jornalista

Si vous êtes bon diseur, dites moi, s'il vous plait vos alexandrins de la «Sementeira»?

Ministro

Ne sont pas Alexandrins, sont Bernardins. (recita os conhecidos versos).

.....
.....
Toma lá sementes
De legumes finos.

Todos

Trés bien! Very good! etc.

Ministro

Hoje dou por finda a recepção. Mas antes do sairem quero que cantem, porque quem cante seu mal espanta, e cantando é que eu tenha afugentado as calamidades do nosso paiz. (Canta a copla final das velhas comedias do Gymnasio).

Ha socego, muita paz
Liberdade e união.
Torradinhas com manteiga
Por cima café limão.

(Desce o panno no decorrer do coro do Credito Internacioal)

H. L.



EPIGRAMMA

Que não morre ninguem é já notorio
Chegou ao cume a medicina hodierna.
—E' entrar, é entrar no consultorio,
Garante esta sciencia a vida... eterna.

Coimbra-911.

Sebastião de Carvalho

PARA USO EXTERNO



MANUEL GUSTAVO



ELLE — E' boa 5 e um quarto, ando sempre atrazado.
ELLA — Emquanto tu te atrazas adiantam-se os outros.

MULHERES

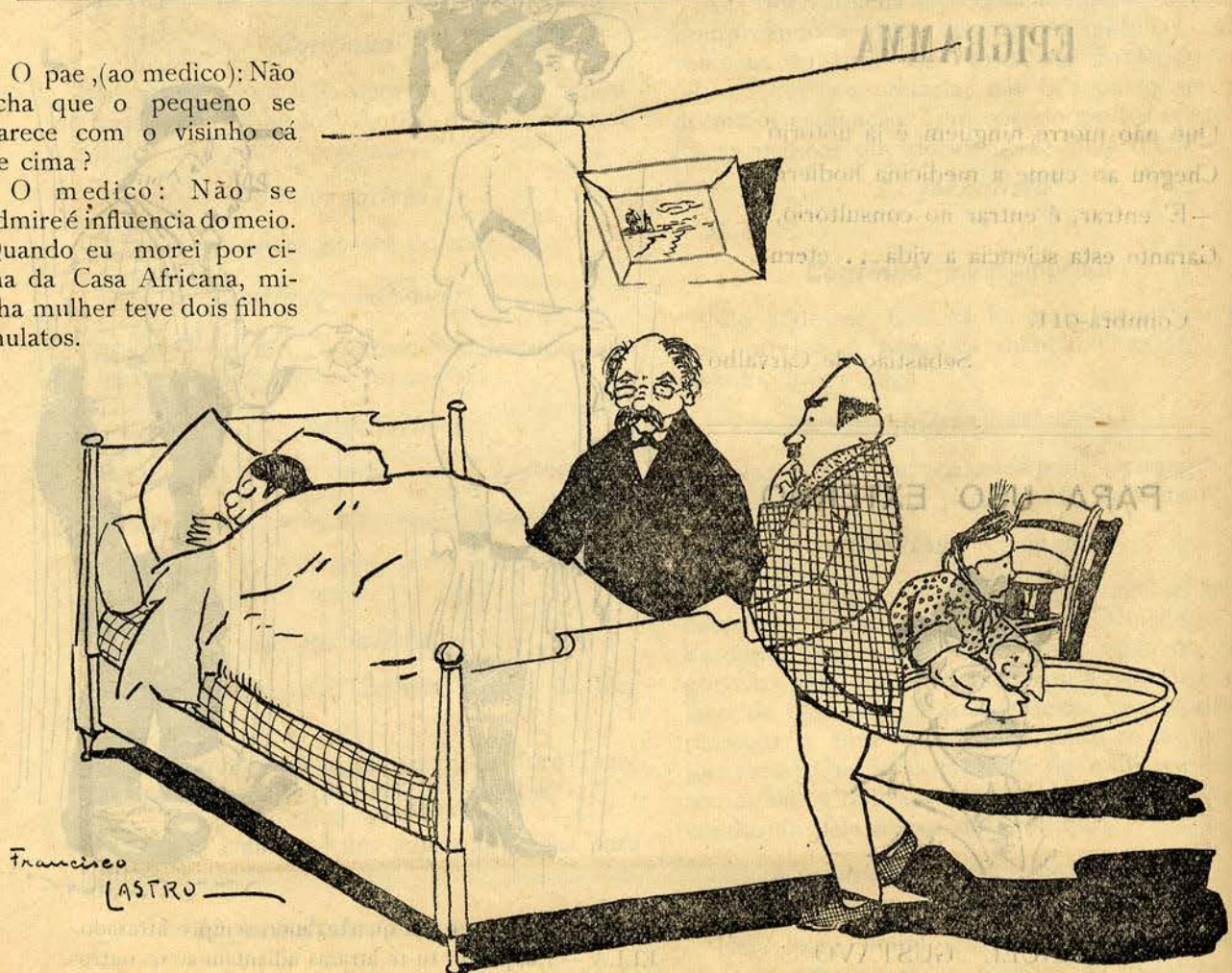


Em vista das multiplas e variadas aptidões que as mulheres portuguezas ultimamente teem manifestado, ha quem pense em tentar uma nova occupação para o sexo fragil. E' o caso que uma companhia de seguros tenciona organizar um corpo de bombeiras voluntarias. E' absolutamente louvavel o procedimento da companhia. As mulheres que até aqui ateavam o fogo do amor nos corações, passarão agora a extingui-lo nos predios onde se manifestar. Pegarão carinhosamente na mangueira e esguicharão tudo, com uma elegancia e com uma gentileza tamanha que as linguas de fogo, absolutamente dominadas, virão rojar-se-lhes aos pés, com o ar constricto de quem diz: Perdoae-nos a nós pobres linguas de fogo, que não soubemos em que nos mettemos. Simplesmente encantador.

Soubemos, porém, que o Santos do Colyseu se queixa de que toda a gente irá ver os incendios de preferencia a assistir aos seus espectaculos de cavallinhos, o que altamente o prejudicará. Realmente, tanto faz vê-las na cupula do Colyseu como na ponta da «Magyrus». O que porém não conseguirá o illustre emprezario, é apresentar o jacto feminino.

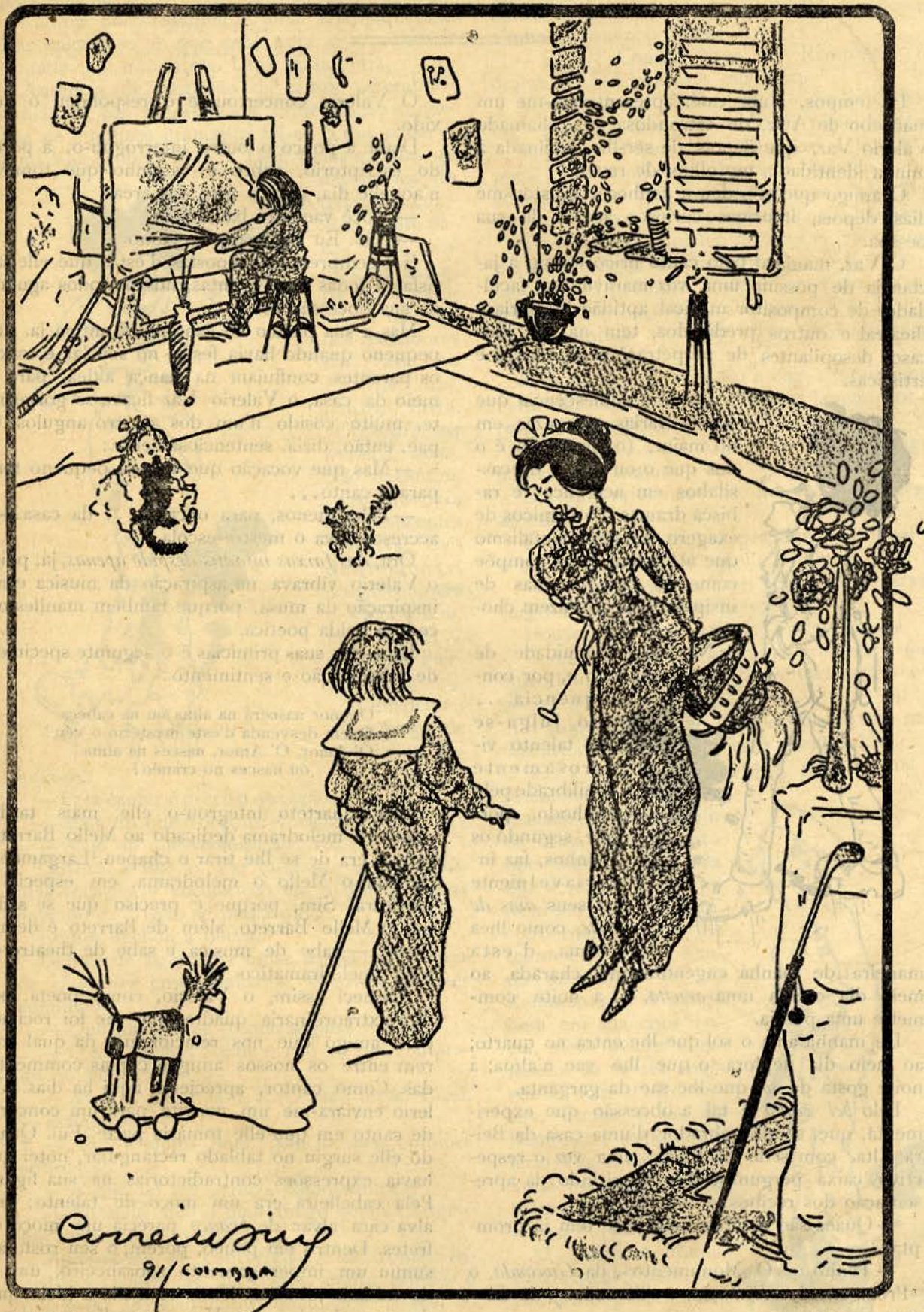
O pae, (ao medico): Não acha que o pequeno se parece com o visinho cá de cima?

O medico: Não se admire é influencia do meio. Quando eu morei por cima da Casa Africana, minha mulher teve dois filhos mulatos.



Francisco
CASTRO

Ingenuidade



- Oh! mamã, o papá hoje sae com as saias da mamã?
 — Porque é que o menino pergunta isso?
 — Porque a vejo com as calças do papá...

O valor e a voz de Valerio Vaz

Ha tempos, n'um café, apresentaram-me um mancebo de Aviz, de estrondosa voz, chamado Valerio Vaz, que depois de ser-lhe declinada a minha identidade, me olhou de revez.

O amigo que m'o deu a conhecer prestou-me dias, depois, informes curiosos ácerca da sua pessoa.

O Vaz, maniaco pelo canto lirico e com a jactancia de possuir uma voz maravilhosa, faculdades de compositor musical, aptidão litteraria e theatral e outros predicados, tem na sua vida casos desopilantes de perpetrções plumitivas e artisticas.



Desde a adolescencia que asneia varias romanzas em dó maior, (o maior dó é o dos que o ouvem) e de casilabos em acróstico; e rabisca dramas tão comicos de exagero de sentimentalismo que até fazem rir, e compõe comedias tão bisonhas de insipidez que até fazem chorar.

Na sua ingenuidade de moço romantico e, por consequencia, .. tolo, julga-se um talento vigorosamente equilibrado pelo methodo, porque, segundo os visinhos, faz invariavelmente os seus *dias de arte*, como lhes chama, d'esta

maneira: de manhã engendra uma charada, ao meio dia orneia uma *arietta*, e á noite commette uma poesia.

De manhã ama o sol que lhe entra no quarto; ao meio dia deplora o que lhe vae n'alma; á noite gosta do *sol* que lhe sae da garganta.

Pelo *bel canto* é tal a obsessão que experimenta, que, sendo cobrador d'uma casa da Beira Alta, com séde na Baixa, uma vez o respectivo caixa perguntou-lhe, inquirindo da apresentação dos recibos:

— Quaes são as areas que você tem já promptas?

— Tenho o «O Monumento», da *Gioconda*, o «Prologo», dos *Palhaços*, o «Toreador», da *Car-men*, a...

— Não é d'isso que eu fallo — entrecortou o caixa — D'areas com e, areas de cobrança na cidade é que eu quero saber.

O Valerio concertou-se e respondeu o devido.

D'ahi a pouco o outro interrogou-o, á porta do escriptorio, sobre o caminho que tomava n'aquelle dia, para o giro das areas.

— Você vae para baixo?

— Não. Eu vou para barytono.

E é sempre com respostas d'estas que elle satisfaz a todas as perguntas, nos periodos agudos da sua obsessão lirica.

Mas a sua paixão de cantante é antiga já. Em pequeno quando havia festas no seu lar e todos os parentes confluíam na dança aldeã, para o meio da casa, o Valerio Vaz ficava-se gorgear-te, muito cosido n'um dos quatro angulos. O pae, então, dizia, sentenciosamente:

— Mas que vocação que o meu pequeno tem para o canto...

— Pelo menos, para o canto... da casa! — accrescentava o mestre-escola.

Ora, *das faixas infantis despido apenas*, já, pois, o Valerio vibrava na aspiração da musica e na inspiração da musa, porque tambem manifestou cedo a balda poetica.

Uma das suas primicias é o seguinte specimen de mystificação e sentimento:

O amor nascerá na alma ou na cabeça
Quem desvenda d'este mysterio o véu?
O Amor, O Amor, nasces na alma
ou nasces no cranéo?

Este quarteto integrou-o elle, mais tarde, n'um seu melodrama dedicado ao Mello Barreto, o qual era de se lhe tirar o chapéu. Largamente criticou o Mello o melodrama, em especial a partitura. Sim, porque é preciso que se saiba que o Mello Barreto, além de Barreto é democratico — sabe de musica e sabe de theatro — logo: melodramatico.

Conheci assim, o Valerio, como poeta, por esta extraordinaria quadra que me foi recitada pelo amigo que nos relacionou e da qual correm entre os nossos amigos copias commentadas. Como cantor, apreciei-o aqui ha dias. Valerio enviara-me um convite para um concerto de canto em que elle tomaria parte. Fui. Quando elle surgiu no tablado rectangular, notei que havia expressões contradictorias na sua figura. Pela cabelleira era um moço de talento; pela alva cara alvar de *branco* parecia um moço de fretes. Dentro em pouco, porém, o seu rosto assumiu um impertigamento sobranceiro, um ar de vaidade jubilosa, lendo-se n'elle a ideia que, decerto, dominava o Vaz, n'aquelle momento: Eu vou cantar e... encantar!

Ouviu-se o preludiar n'um «Beckstein». Valerio preparou-se. Emfim, [abriu a bocca para

cantar. Em seguida abriram-se as dos auditores para bocejar.

Cantou horrorosamente uma aria pathetica. Mas calcule-se o que será uma aria pathetica cantada por um pateta. Uma semsaboria.

Ausencia de methodo de canto, superabundancia de voz desordenada, evidencição superflua de emphase dramatica foi só o que o barytono Vaz soube exhibir. Deu, todas erradas, as

expressões do trecho, as inflexões foram dadas n'um exagero de berraria declamatoria, á maneira dos recitadores do antigo *Principe Real*. Emfim, falla, *berrando um trecho de canto*. Não o cantou.

A maioria dos assistentes dormia. Evidentemente, *aquillo* não era o Valerio Vaz; era o valeri... anato de Pierlot.

N'um pequenino grupo de acordados discutia-se:

- Para cantar é preciso vocação.
- Mais do que vocação: vocalisação.
- Mais do que vocalisação: voz.

Quanto a isso o Vaz tinha — e até de mais. Mas vocação e vocalisação era o que se estava ouvindo e... não se podia ouvir.

Emfim, fechou a bocca.

Depois de agradecer umas palmadinhas raras de *claqueurs* envergonhados, o joven veio ter commigo:

- Que lhe parece o meu órgão?
- O seu órgão? Ainda o não vi. Foi comprado no Neuparth?
- Não... não é isso... O meu órgão vocal.
- esclareceu.
- Ah! é muito bom. Não ha duas opiniões sobre isso.
- E que tal lhe pareço, como cantor?
- Eu acho que o meu amigo como cantor é um excellente dramaturgo.

Apodou-me de chocarreiro e de ironista injusto, e voltou-me as costas, muito *afinado* o que o fez aparecer muito desafinado da voz, no dia seguinte, n'um salsifré d'um salão burguez d'um fanqueiro, á Lapa, segundo me contou um assistente.

Passados dias, encontrei-o n'um *trottoir* da Bai-

xa. Com o corpo erecto, esticando muito o seu typo esgrouvinhado, com uma grande *pose* de altivez na sua cabeça de saloio loiro, disse-me n'uma imponencia theatral:

— Sabe?! Conclui hoje «O Remorso», um drama verdadeiramente moderno.

Achei antiga a classificação e deplorei desde logo mais um consumo inutil de papel almasso.

Na noite d'esse dia realizou-se a leitura da peça. Como tinha sido bastante instado para ir commover-me com as 500 lagrimas d'aquelles 5 actos plangentes, fui e... passei uma noite horrorosa.

A peça era um nucleo de scenas inverosimeis em que o moço dramaturgico-lyrico tinha *prantado* pranto prompto a vibrar em tudo e a proposito das situações mais despropositadas, n'um jogo de enredo sem imprevisito, sem observação e sem ideias.

Para mais, o Valerio leu n'uma choraminguice rythmada, com aquelles dulçores lamentosos das romanzas de Bellini.

No outro dia tinha declamado uma aria. Agora cantava um drama.

Era um curioso *suwet* de inverso de expressão artistica.

Finda a leitura o Vaz perguntou-me qual era a minha impressão d'aquella leitura.

— Eu acho que o meu amigo como dramaturgo á um excellente barytono.

Houve risos repressos dos circumstantes.

O moço escriptor, entre *encordado* e feroz, convidou-me a opinar «com seriedade» e só acerca do valor da peça.

Repliquei-lhe então, com simulado tom maledicente de critico, para mais o enlevar.

— Eu sou de opinião que, pelo prysma impressionista, o senhor realizou o seu intuito de obra de arte, visto que todas as pessoas que se encontram aqui ficaram, certamente, com remorso de lhe terem feito perder tempo na leitura de «O Remorso», e o amigo bem em sua consciencia, deve sentir o remorso de as ter aborrecido com «O Remorso». Emfim o seu «O Remorso», senhor Valerio Vaz, é bem a maxima expressão do remorso, porque é o remorso do «Remorso».

O cantor e dramaturgo, encolerizado, despediu-me bruscamente e o mesmo fez aos restantes auditores que abundavam na minha abundante opinião.



Depois d'esta scena, passaram-se mezes sem que eu tornasse a ver o Valerio ou a saber d'elle.

Hontem, porém, deparou-se-me um seu dilecto que me contou algumas conjuncturas da sua vida n'esse periodo. Volvidos uns dias sobre a leitura do «Remorso», Valerio foi para o Porto e crendo-se apto a cantar em publico, a profissionalisar-se na opera, envidou todos os esforços e mobilisou influencias para fazer parte d'uma Companhia lyrica que ali esteve o que não conseguiu mercê da sua insipiencia.

Tempos depois *cahiram-lhe as sortes* o joven de talento **lá foi para a militança**. Sentindo um natural e logico horror pelo ambiente militar, o lirico maniaco, ao ouvir pela primeira vez a voz de commando até ia perdendo a voz de barytono. Em virtude de isto e para fugir á vida te-

merosa do exercito combatente, foi para a Companhia de saude, onde maçava os galuchos com as suas peças, a sua vaidade, as suas arias, os seus projectos de futuro artistico.

Um official n'uma occasião de bom humor, disse-lhe animando-o:

— Já és barytono da Companhia de saude. Um dia serás barytono de Companhia lyrica...

Ao acabar de narrar-me estas coisas, o dilecto de Valerio, rogou-me que lhe dissesse, sem agradecer, como eu reputava as aptidões vocaes e dramaturgicas d'aquelle.

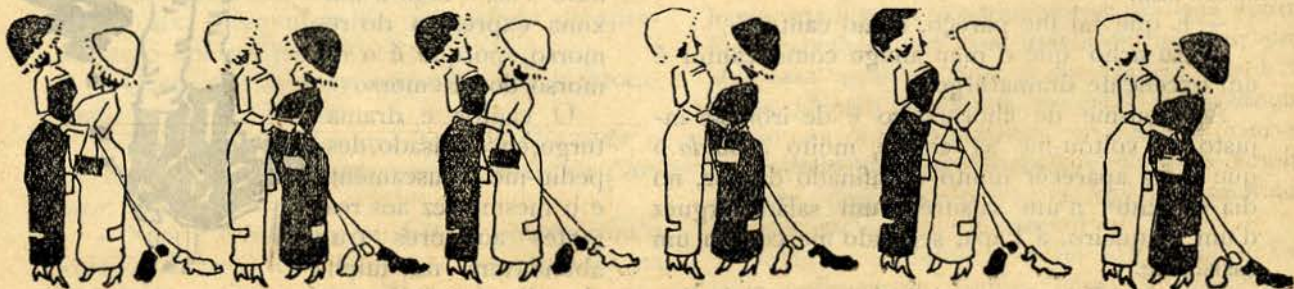
— A serio — ultimei — creio que o seu amigo como grande barytono e grande dramaturgo, virá a ser, talvez, muito pouco dramaturgo e muito pouco barytono.

SANTOS VIEIRA

Viuvo inconsulavel



- Então agora déste em pescador?
- Que queres, jurei que quando minha mulher morresse eu morreria tambem.
- E d'ahi?
- Ella deitou-se á linha do comboio e eu deitei-me á linha... de pesca.



IRONIAS

Disseste a não sei quem que se quizesse
Ha muito me mataras de paixão,
— O que dirias tu, se me pudesses,
Prender o coração?

Eu gosto de te ver e sei que gostas
De me avistar tambem constantemente,
— Tu de me veres... pela frente,
Eu de te ver... pelas costas.

Coimbra

N. S.

A ALTA RODA

Corria animadissimo o baile da marquez.

No vasto salão, todo espelhos e doirados, illuminado por dezenas de luzes que irradiavam de artisticos candelabros, agitavam-se em doce confusão, n'um redemoinhar subtil, os formosissimos pares, enquanto o sexteto executava com mimo e maestria os primeiros compassos da deliciosa valsa *Sonho d'Amor*.

E... quantos sonhos de ventura ali iriam fantasiando os pensamentos! Quantos castellos aereos d'amor se estariam edificando dentro d'aquellas almas, para um dia, quem sabe, cahirem desfeitos em lagrimas.

As côres variegadas do decotado dos vestidos de setins de preço, a prograncia de carissimas essencias, espalhando-se por todo aquelle ambiente, fazia lembrar a entrada n'um vasto roseiral, obedecendo aos caprichos d'uma tepida aragem.

No gabinete contiguo ao salão de baile, jogavam o *sollo* os que a idade lhes não permittia dançar.

Era este o entretenimento do velho marquez.

A loira esposa, bella e nova, encontramo-la entre os pares dançando com um visconde, moço e galanteador. Veste de seda branca e pelo decotado corpete, onde um ramo de botões de rosas vermelhas se debruça, espreitam-se dois novellos de neve, morna e tremula.

Os labios sensuaes, entreabertos, deixam vêr duas alvas fiadas de perolas e nas faces onde brinca um sorriso deslumbram-se duas encantadoras covinhas, feitas talvez prepositadamente para ninhos de beijos.

— Então marquez? exclamou o visconde n'um suspiro.

— Não insista, por Deus, supplico-lh'o.

— E' tão cruel. Compraz-se em recusar este pequenino favor! Dê-me o ramilhete.

— Para que o quer? Rosas vermelhas! Um ramo banalissimo!

— Mas... é seu marquez, e isso é tudo! Rosas vermelhas! Talvez córadas de vergonha. E' que as pobresinhas reborisaram-se, vindo que outra rosa, incontestavelmente mais formosa as ostenta.

— Cautella visconde! disse ella olhando em redor.

— Nada receie. Seu marido joga e estes que nos rodeiam só pensam em Therpsichore.

— Eu sei... todo o cuidado é pouco.

— Vamos, não me faça soffrer!

E ella n'um gesto gracioso e rapido desprezou o ambicionado ramilhete e dando-lh'o sorrateiramente, disse:

— Aqui tem, mas veja se o occulta depressa.

O visconde, nervoso, guardou-o no bolso de dentro da casaca, e muito disfarçadamente, de poz na mãosita breve do seu par um beijo quente de gratidão e amor.

Entretanto no gabinete do jogo, o marquez dizia:

— Peço licença.

— Vae bem replicou um parceiro fechando o leque das cartas.

— O triumpho é? perguntou o outro.

— Paus! Volveu o marquez.

— Cautella... olhe se perde...

— Eu? Isso sim! E' uma partida certa. Quasi podia bolar...

E.. o sexteto no salão executava com mimo e maestria os ultimos compassos da deliciosa valsa *Sonho d'Amor*.

R. XAVIER DA SILVA

PARA USO EXTERNO



ANDRÉ BRUN

Entre duas mundanas:

— Chamam-nos então mulheres de *vida facil*.

— Pois não é com tanta *facilidade* como para ahi se julga. Ha tanta concorrência...

Que a Monarchia voltasse...



conselheiro Penella, ex-ministro d'estado, grã-cruz de Christo, habito da Conceição, Aguiã da Prussia e mesario da Ordem Terceira, adheriu á Republica.

Foi na qualidade de cidadão novo e neo-liberal que recebera o convite para o jantar que o grupo *Ancião de Liberdade*, offerecera

ao primeiro ministro do novo regimen, e, como bom adepto, bom garfo e melhor copo, argmassára no intimo os alicerces d'uma vida nova promettedora de paz tranquillã e copiosos banquetes.

Depois do ultimo brinde, *tu cá, tu lá* com heroes e abraços aos creados de meza, o conselheiro reconheceu que as luzes da sala haviam duplicado e notára que o mobiliario, na mesma communhão de ideias, girava em torno dos commensaes, ora curvando-se em venia, ora marcando o compasso da Marselheza que o sexteto pela centessima vez atacava desde o primeiro discurso na altura das costelletas de carneiro.

E n'este estado de espirito e de corpo, rilhando um charuto apagado, recolheu a casa, entre as dez e as onze, apertando a mão ao porteiro, que se quedou petrificado ante aquella manifestação de egualdade, tanto para extranhar no ex-ministro, que nunca déra por elle.

*

No quarto de Penella pairava um socego discreto, alumiado pela luz morticia de uma lampada amarella, quebrado pelo *tic-tac* de um relógio antigo e os sons abafados do gramophone do 2.º andar, arripiando o hymno da carta n'uma

lentidão tunebre de musica proscripta, que accordava no cerebro do ex-conselheiro da corõa vagas reminiscencias de banquetes politicos, de recepções palacianas e regressos em identicas circumstancias.

Tudo desaparecera!

Tudo não! O jantar fôra succulento e o Champagne continuava a exercer as suas funcções de balsamo consolador, anestesico moral que transformava a vida *toute en rose* e a lingua n'um capacho... Oh! o Champagne! E bocejou deixando-se despir pelo creado, o velho servidor que lhe aconchegava a roupa e dispunha sollicitamente, a par, todos os dias, aos pés do leito as classicas chinellas de tapete bordadas a missanga.

No 2.º andar o gramophone continuava o hymno n'um disco sem fim ao som do qual o Penella trauteava com intervallos de largos suspiros fundos, a letra da Portugueza e pouco a pouco n'um *rallentando* entrecortado de estallidos de mastigação secca, adormecêra profundamente, esmiagado pelo turbilhão de idéas que lhe ferviam no cerebro—assembléa geral tumultuosa de neurones, sem presidente e sem estatutos.

*

Passados os primeiros segundos o mesario da Ordem Terceira sonhava...

Sonhava que regressára do banquete offerecido ao marechal Hermes da Fonseca.

Não estivera máu; com anotações no *menú* e sobresaltos ao desrolhar as garrafas.

El-Rei conversára pouco. Fazia bolinhas de pão e segredava de vez em quando com o Teixeira de Sousa.



Previram o que se estava passando. Aquelles tiros eram dos navios de guerra... A Republica era um facto... Estava prevista. Elle proprio, gran-cruz, presenti-a e... talvez mesmo a desejasse. A monarchia estava desacreditada... Era claro... Tantos tiros!...

N'um carro do Jorge o snr. Affonso Costa distribuia viveres aos revoltosos. Não tinha destino; no letreiro lia-se *Reservado*.

Um cavallo branco! Era Napoleão! Napoleão Bonaparte que descia a Avenida e na altura da Rua dos Condes parava. Alli em frente ao theatro fallava á tropa: *Soldados! Do alto d'aquelle telhado...* n'isto surgia nas trapeiras o snr. Francisco Grandella deitando para a rua aos pacotes aos milhares, saldos de camisolas e peugas.

No Rocio armara-se a Feira d'Agosto. D. Pedro IV, com o auxilio da escada «Magyrus», descera até ao largo e viéra reger a banda de caçadores que tocava a *Sementeira*.

N'um dos lagos, o principe D. Affonso, de espada na mão, commandava uma esquadra de navios de papel feitos da *Carta* abandonada pelo *Rei Soldado*.

No elevador de Santa Justa, Bernardino Machado conferenciava com Christo que lhe segredava: eu não te disse... eu não te disse...

*

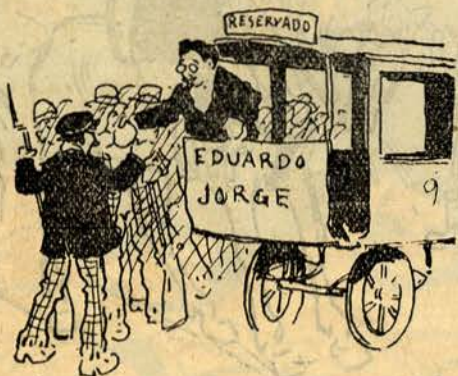
Não havia duvida, só lhe restava a elle Penella, fazer côro com a multidão que percorria em massa as ruas da cidade, dando vivas e agitando bandeiras. Era ponto assente; voltaria a casaca. E, com um suspiro fundo voltou-se na cama sem acordar.

O sonho continuava...

*

Fora bem recebido nas fileiras republicanas.

Penella embora ex-ministro jámais soltára um pio nas camaras e no decreto contra os gritos subversivos, tinha um paragrapho sympathico: excluía da pena os menores e os mudos; portanto foi sem a menor relutancia dos vencedores que o seu nome figurava na lista dos adhesivos. Assignou o *Mundo* por dois annos, filiou-



se num centro e poz de lado antigas relações de conselheiros compromettidos. E o facto era que voltava dum banquete onde se acotovellara com os caudilhos da revolução. Aqui o sonho derivou em pesadelo. No seu cerebro revoltado passou agudo e nervoso o retinir da campainha da porta e como um furacão, a resfolegar agitado penetrou no aposento o seu ex-collega de poleiro, o da pasta da justiça, que se deixou cahir com o peso de toda a sua gordura, sobre um tamborete, limpando o suor.

— Então viva a Republica hein? interrogou Penella.

— Qual! Você não sabe nada?!

— Sei. O Theophilo é o presidente.

— Está doido? Foi, foi.

— Hom'essa?

— E' o que lhe digo. Estamos perdidos.

— Perdidos? Mas a gente adheriu.

— Pois é por isso mesmo.

— Homem, não percebo.

— Tem pouco que perceber. A monarchia voltou!

— Que me diz, Conselheiro Chrispim?

— D. Manuel, á frente d'uma *troupe* de japonezes, desembarcou em Cascaes, derrotando a infantaria a golpes de *jú-jutsú*. Além d'isso o Raymond — o bruxo — tendo-se introduzido a bordo dos navios de guerra, falsificou a polvora. A marinhagem disparava mas dos canhões não sahia mais do que uma chuva de grão com arroz e batatas fritas.

D. Affonso mascarado de varina, tomou no Terreiro do Paço um automovel e atropelou a guarda republicana com banda e tudo. Só o do bombo é que não.

Nas praças publicas foram collocados gramophones dando vivas á monarchia; e o padre Mattos banhando-se no Alviella, envenenou a população que corre em todas as direcções cantando o *misérere*.

No Porto vae o diabo.

O Conde de Samodães mandou desaparafusar as pontes e guardou-as na algibeira, promovendo ao mesmo tempo uma cheia no Douro com o auxilio dos Fenianos.



Na Torre dos Clerigos, estão dois cruzadores que fazem fogo sobre a Camara Municipal que com o fumo se transformou em Camara-escura. O paiz está n'uma convulsão.

O Brazil destacou-se da America e vem por ahi fóra rebocado pela barca *Menino Deus*.

E suspendia-se estafado, de mãos na cabeça.

O Penella, hirto, no sonho, perguntava a custo: e agora?

— Estamos perdidos, dizia o Chripim aterrado.

— E eu que aderi! Que ainda hontem jantei com elles! Ah! se eu adivinhasse... Mas quem poderia suppôr? Tanto batalhão de voluntarios...

— Foi um ar! Como na instrucção, porhóra, só os tinham ensinado a marchar, elles, ao signal de alarme, fizeram o que sabiam: marcharam!

— O que vae ser de mim, Conselheiro Chripim!

— E d'ella, Conselheiro Penella! Da nossa vida!

— Levantarão forcas!

— O presidente do conselho é o João Franco.

— Ai Jesus!

— Já para ahi fez o diabo.

— Sim?

— O Affonso Costa foi internado no convento das Carmelitas. O Brito Camacho nos banhos das Alcaçarias de D. Clara. Ao mestre Theophilo tiraram-lhe o guarda-chuva e ao Machado dos Santos, fizeram-n'o redactor do *Mundo*.

— E que fazer agora?

— Lembro-me d'um *truc* que deve dar.

— Dar um quê?
— Um *truc*. Vamos ao Paço.
— Eu... não posso.
— Sou eu que lh'o peço. Trouxe um coupé. Disfarçamo-nos.

— Mas o que vae a gente lá fazer?

— Desadherir.

— Agora?

— Vamos tentar. Tenho letra para as duas musicas. Venha d'ahi. Quanto mais cedo melhor.

E o Penella, sonhando sempre, desceu as escadas de braço dado com o conselheiro Chripim. Ao entrarem para o coupé aquelle perguntou: é solido o trem?

E' o 44. Foi reformado e já adheriu á corôa.

Accommodaram-se no estofó que ainda cheirava a polvora e o cocheiro bateu a parelha que trotou largo em direcção ás Necessidades.

De cada lado, Chripim e Penella espreitavam atravez as cortinas descidas e o 44 rolava agora do Rato para a Avenida.

Na Rotunda elevava-se um monumento á lei de 13 de fevereiro: o ditador apontando a barra. As arvores cobriam-se de florinhas azues e

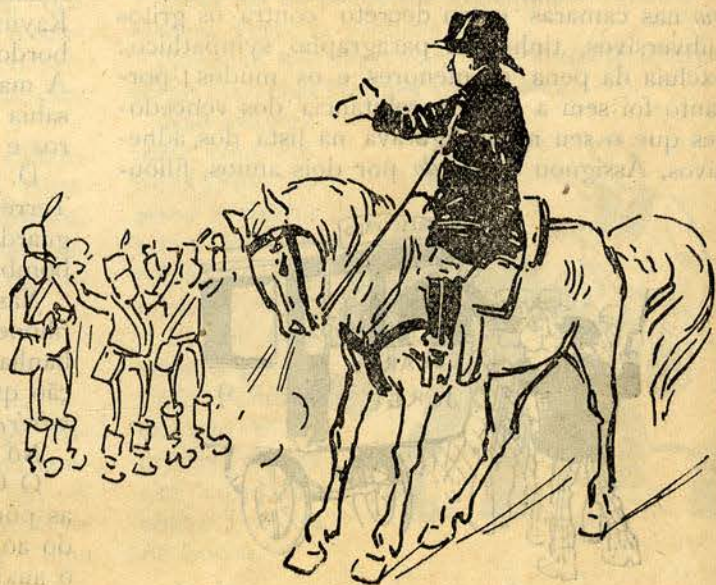
brancas e os pardalinhos chilreavam em côro um hymno da carta, com *fioritures*, lindamente provocador.

No monumento dos Restauradores, a corôa abatida renascêra descommunal, e a estatua da Liberdade, ostentava um barrete penitenciario feito de azul e branco ás listas.

Na estação do Rocio um movimento desusado.

Os ferros-viarios para commemorar o advento puzeram-se em grêve. Só o comboio das II se conservára neutro.

Na Praça de D. Pedro, junto á estatua muitas creanças fechavam n'uma roda o snr. Bernardino Machado cantando:





- Que procuras tu trapeiro ?
- A Liberdade, igualdade e fraternidade.
- Aqui a tens.

*Quem vae no mão PARA
E bem bonitinho...*

No placard da succursal do *Times* lia-se em bom typo inglez:

*Times... is money
God save the king.*

O 44 voltára em direcção ao Chiado.

O Grandella fôra convertido em recolhimento onde servia de padre-rodeiro o França Borges e o Derouet distribuia registos com a effigie do Bispo de Beja.

A antiga divisa: *Sempre por bom caminho e... segue*, fôra transformada em: *Para ali... não vãs mais longe!*

— Pobres democratás! murmurava o Penella. Na rua Garrett ia um medonho reboliço.

O Jeronymo Martins de pé sobre um banco repunha a corôa no vidro da montra e varios commerciantes seguiam-lhe o exemplo.

No Marques, que annunciava em cartazes de azul vibrante, bolo-rei e toucinho do céu, inaugurava-se um *five-o'clock-tea* em honra das congregações religiosas.

Descendo o Thesouro-Velho, rodeado de bailarinas e cingindo a corôa de visconde, caminhava o S. Luiz de Braga, magestoso, sorrindo ás janellas d'onde meninas de branco lhe atiravam com ancia, punhados de *confetti*.

Mais atraz, um preto, vestindo de azul, empunhava uma bandeirola onde se lia:

Theatro D. MANUEL II

HOJE — 2.^a de *O Convertido* — HOJE

A estatua de Câmões fôra modificada.

Pedro Nunes, João de Barros, Quevedo, etc., foram apeados e substituidos pelos sns. Faustino da Fonseca, Affonso Gayo, Bento Faria, etc., indo aquelles fazer um inquerito ao Normal, que passou a chamar-se D. Maria Amelia.

O auctor dos *Lusiadas*, condemnado a escrever uma peça para a proxima época, desculpou-se attribuindo a paternidade do seu poema ao seu collega João Sevilla.

Nas ruas do trajecto, o povo, envergando opas de varias irmandades, abria alas á passagem do coupé dando vivas á reposição da corôa.

*

No largo das Côrtes, José Estevam Coelho de Magalhães, discursava ás massas, vendendo um elixir contra as subidas, e apresentando n'um quadro demonstrativo a influencia do azul na psychologia do povo.

Por fim chegaram ás Necessidades. Estavam intactas.

Um trillião de pedreiros livres, estucadores, cabelleireiros e algibebeos no curto espaço d'uma hora taparam os buracos feitos pelas balas, enquanto cemfloristas erguiam o pau de fileira.

— A escada, na mesma, os porteiros, os mesmos, o monte-pio dos mesmos, o mesmo.

Na ante-camara, apinhada de vultos, predominava o cheiro a benzina e zumbia um côro de vozes que se abafou á sua entrada, para re-credescer pouco depois.

Diziam com variadas inflexões: Olha o Chrispim! Tambem cá está. E elle adheriu. Ora o patife, hein? E o Penella que foi ao banquete republicano com a gente? Ora o pulha, hein?

E Chrispim e Penella distribuiram apertos de mão como quem vae de caminho.

Por fim um archeiro, abrindo com ruido a porta da sala, gritou com voz sonora:

— Os snrs. Conselheiros Penella e Chrispim, tenham a bondade de entrar!

Primeiro assustados, depois commovidos, avançaram ambos, sob os olhares pasmados d'aquella gente que os mirava com oculos, binoculos, lunetas e microscopios.

Na sala do throno lá estava El-Rei, com um manto azul muito lindo, cheio de ratos bordados a ouro e contas de modista.

Rodeava-o o ministerio, cujo presidente, o João Franco, vestido de Mephistopheles, tirava com a ponta de uma varinha magica nuvens de sellos do nariz do sr. Espregueira, sellos que atapetavam a sala e se collavam, multicores e tremulos, nas paredes, nas faces, nos moveis, com grande gaudio do monarcha, (mais homem e typo inglesado) que ria a bandeiras *projectadas*.

Ao encararem o rei, ambos estremeceram, e foi a um signal d'elle, fazendo estallar dois dedos, que avançaram de joelhos, fallando primeiro o Chrispim, que explicou por entre lagrimas e soluços:

— Eu estava deitado mas logo que ouvi os primeiros tiros levantei-me para vir direito ao Paço.

Procurei as ceroulas; tinham-me fugido, as meias não estiveram com meias-medidas e puzeram-se na perna, as botas, qual assobie-lhes em vão, as calças não conseguí apanha-las; vi então que á falta de fato restava-me uma camisa de onze varas d'onde não houve meio de sahir.

Para que não julgassem que era pelo instincto da conservação que me conservei em casa, não quiz conservar-me no mesmo partido, e parti para outro embrenhando-me no cahos. — (E agora do nariz do Espregueira sahiam muitas escovas, com um ruido dentifrico.

O Penella ia a fallar, mas um sello fechou-lhe os labios. Era um provisorio de 25.

D. Manuel que ouvira tudo de mãos postas e olhos em alvo, lançou-lhes a benção com um ar postal, e indicou-lhes o presidente do conselho que ria satanicamente, enquanto os outros mi-

nistros, tornados satiros dançavam em volta d'elles.

De repente tudo mudou. — Penella moveu-se no leito.

Fora encarregado da pasta das *Vinganças* — (alteração do nome finanças do antigo regimen) e promettia ao ministerio todo reunido a bordo de uma fragata no Campo Pequeno, que ou havia de salvar a patria, ou jámais usaria o vigor do cabello do Dr. Ayer, pelo que o cobriram de applausos e pós brilhantes.

Recolheu a casa não no 44 — porque um garoto lhe atirára um pão inutilizando-o — mas n'um palanquim de chocolate e leite com incrustações de cartão, e, á sua secretária, com o conselheiro Chripim, folheando livros de amostras, fabricava a lei de retro-acção contra a imprensa, republicanos em geral e Directorio em superior.

Faltavam os dois ultimos paragraphos.

No artigo 1.º eram queimados até á quinta geração todos os que comessem ou tivessem comido rabanetes ou tomates, vegetaes verdes e vermelhos por excellencia e decreto do snr. Affonso Costa.

La agora a bomba final e o Chripim, como quem encontra uma ideia sublime gritou: Achei! E curvava-se sobre a meza, vermelho.

Paragrapho penultimo: Serão nomeados os membros da familia Chripim para todos os logares vagos e por vagar, tendo além do ordenado respectivo, uma gratificação especial por este paragrapho começar por *serão* e os serões serem pagos pelo estado.

A lei estava um encanto.

Postas mais umas virgulas, Penella suspirou fundo e estendeu a mão para a campainha chamando o correio que devia esperar na saleta.

O ruido da propria campainha do quarto acordou-o. Olhou em volta, procurou a secretária o papel, a lei, e... estranhou que o correio, muito parecido com o seu creado, não lhe apparecesse de farda. Estava á paisana e perguntava-lhe sorridente:

— V. Ex.^a quer que aprompte o banho?

Esfregou os olhos meio-patêta e olhando para a mesinha de cabeceira onde na vespera depuzera o menú, viu pelas côres verde e vermelha que tudo aquillo fôra um sonho e nada mais.

E procurando o Chripim ainda tonto, vê, que no sen logar rebrilhava, em pó de pedra, o pot-de-chambre, vulgar de toda a gente.

Mastigou em secco, e pegando na ementa para se certificar por provas materiaes, leu nos *vins et liqueurs*:

Pére Kermann, Champagne Royal — e com um sorriso de desdem concluiu em voz alta:

—Royal! Que peste! E ainda ha *thalassas* que o bebem!

PARA USO EXTERNO



SILVA MONTEIRO

Caricaturista

FUMANDO

Dar um cigarro é custoso.
Faz pena sacrificá-lo.
Mas recebe-lo é um goso,
Cada fumaça um regalo.

Entre amigos um cigarro
A ninguem se regateia...
Parece-me até bizarro
Só fumar por conta alheia.

Acha alguém que do bolsinho
O tabaco enjão lhe faça?
Peça um cigarro ao visinho
Que o enjão logo lhe passa.

Nós temos notado já
N'um cigarro mau sabor.
É afinal, se alguém nos dá,
Fumamos outro peor.

O cigarro é coisa bella
Se com a *pêga* a mãe vejo:
Deita-se o fumo p'ra ella
E á filha puxa-se um beijo.

Coimbra.

JOÃO RATAO

SANTOS GALVÃO



Sinceridade jornalística

— Então, você disse-me que isto ia muito mal... e aqui no seu jornal diz!!!...

O jornalista:— Meu caro, é para não crear dificuldades ao Governo Provisorio da Republica...

(Desenho de Joaquim Guerreiro)



Uma decepção

Quem visse o Bonifacio naquele dia, notava, com espanto certamente, a transformação colossal que soffrera a expressão do seu rosto, de habitual taciturno e sorumbatico.

Parecia outro o Bonifacio.

A alegria lia-se-lhe nos olhos brilhantes e animados duma vivêza estranha, no modo despreocupado, em todo o seu ser, a quem uma nova vida parecia ter sacudido intensamente.

Pois se elle ia livrar-se definitivamente da *sua Anita! Sua Anita!*

Que elle nem bem sabia se a Anita era sua...

Elle d'ella é que não era, daquela imbecil, daquela idiota que o enganara ignobilmente, no tempo de namôro, com uma pseudo-herança de um pseudo-tio brasileiro.

Mas para que recordar coisas tristes?!

Bonifacio agora era feliz, completamente feliz, ou antes ia-o ser.

Fôra publicada a lei do divorcio. Ia separar-se. Ia finalmente surgir o dia radioso da libertação definitiva.

Era questão de esperar. Coisa de dias...

E Bonifacio esperava pacientemente com uma resignação de apóstolo e de martyr.

Causa do divorcio havia-a certamente. Tudo uma questão de dias...

Então a *sua Anita* não havia de ter um amante?!...

E Bonifacio quedava-se nos passeios, acotovelado, completamente abstracto, recordando... scenas passadas.

Um dia, regressando cedo a casa, encontrara tudo em desalinho no quarto de dormir. Uma cadeira cahida. A roupa da cama desmanchada, num desarranjo significativo. E a sua Anita, esperando-o surpreendida á entrada da porta a que batera, bastantec órada, extraordinariamente córada, esboçando um sorriso timido de disfarce... E a outra porta do quarto ainda entreaberta.

Bonifacio não podia duvidar.

A *sua Anita* tinha um amante.

E para que eram todas aquellas teimosias impertinentes em se querer conservar em casa a certas horas? as suas visitas frequentissimas a... parentes varios?!...

Não havia a menor duvida.

O amante existia.

E isso que o fizera taciturno e

melancholico, que o entristecera tanto, que fôra como um grande pêso sobre a cabeça derreada, agora alegrava-o, quasi o fazia saltar de satisfeito.

Sua mulher tinha um amante. E elle tinha ali no bolso a lei do divorcio que fôra publicada na vespera.

E não era preciso mais nada. — O amante! A salvação!

Depois o divorcio, a separação, o afastamento a liberdade que volta!... A feicidade completa!

E — quem sabe — talvez que Bonifacio ainda fosse muito feliz!... Um casamento rico, uma herdeira d'um brasileiro authentico.

— Está alguém livre de vir a casar com uma mulher rica?

Bonifacio já descoroçoava. As suas pesquisas, as suas rondas á *sua Anita*, tornavam-se este-reis, inuteis. Tudo de balde...

E com que desalento elle olhava a sua Browning, uma respeitavel pistola que comprara sorridente, para o dia grande em que iria encontrar Anita nos braços doutro...

A sua pistola, muito tragica, muito solemne sobre uma conselheiral sobrecasaca preta...

A *sua Anita*, queria ser sua, eternamente sua...

Nem uma leve ponta, duma ponta de amante!

Um dia Bonifacio empregou o ultimo expediente. Preveniu a mulher de que sahia para fóra da terra. Demorar-se-hia alguns dias... oito ou quinze, não sabia ao certo.

Nessa noite Bonifacio fez uma policia aturada e attenciosa... Mas, nada de novo. Um socego absoluto.

Já se começava a deixar vencer pelo desalento, quando um facto inesperado veio prender a sua attenção e encoraja-lo. Um carro que subia rua acima, parara á sua porta e alguém que Bonifacio não poude descortinar, apeara-se e subira, ao mesmo tempo que o carro se punha novamente em andamento.

Bonifacio rejubilou.

Estou salvo. Eis o amante!

— O Divorcio! A libertação!

Não sei com que custo Bonifacio conseguiu dominar o seu entusiasmo e esperar pacificamente alguns minutos... dar tempo...



Convinha não ser apressado. Uma precipitação podia estragartudo.

Bonifacio aproximou-se da porta. A's escuras, tateando as escadas, começou a trepar os seus degrãos de vagarinho, muito devagarinho.

Nem o minimo ruido. Unicamente o bater apressado do seu coração que inflava de alegria.

— O divorcio! A separação!

Abriu geitosamente, muito a custo a porta de entrada. Percorreu todo o corredor. Um silencio completo. O seu quarto tinha luz. Approximou-se. Sentia-se o ecoar sonoro de beijos quentes, palpitações de carne, gemidos de prazer...

Não restava a menor duvida.

Bonifacio ia libertar-se.

— O amante! O divorcio!

Compôz-se, tomou uma atitude grave de marido infeliz, empunhou a sua inseparavel e solemne Browning... um empurrão na porta e... entrou de roldão.

As ideias baralhavam-se-lhe no cerebro tumultuosamente. Todo elle era alegria, enthusiasmo... Emfim, chegara o dia da libertação! — O amante! O divorcio!

Não podia duvidar.

Era sua mulher, a sua Anita, entrelaçada, preza, nos braços doutra pessoa, do amante...

Bonifacio estava no momento mais solemne da sua vida. Era necessario imprimir solemnidade aos seus movimentos.

E, Bonifacio, sobranceiro, cara erguida, empunhando a sua pistola, a pistola da sua redempção, avançou resolutu, deu dois ou tres passos... e de repente sente-se o articular extranho dum grito rouco de féra ferida.

Bonifacio, pregado ao chão, como que petrificado, os olhos desmedidamente abertos, tornou-se de uma palidez cadaverica, incapaz da menor acção do menor movimento.

— A Anita! Outra pessoa! O amante!...

A sua Anita, nua, completamente, nua, affastada para longe a roupa do seu leito, apertava nos seus braços e cobria de beijos o seu amante... a Bébé, a prima Bébé, tambem nua, tambem completamente nua...

Bonifacio recuou, fugiu espavorido.

Foi o desabar d'um castelo de illusões! A morte de mais uma esperança!

A lei não previra aquelles casos...

Coimbra, 14 de março.

FAN-FAN

A Satira

No proximo numero caricaturas de

LEAL DA CAMARA

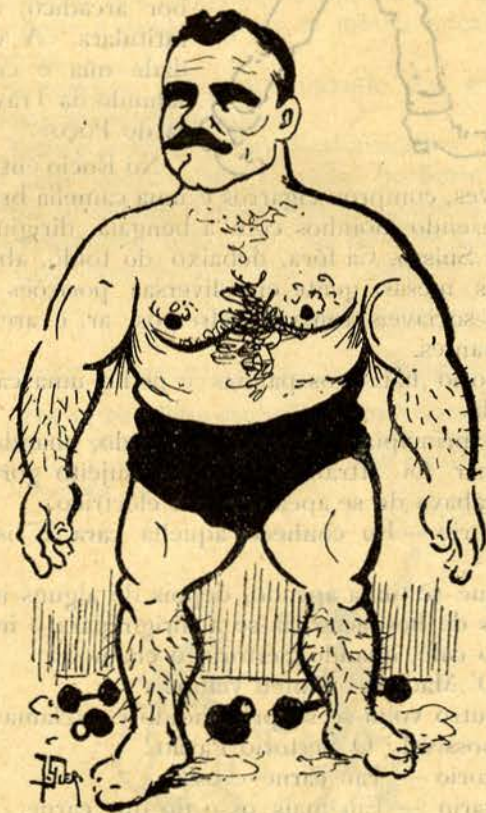
RINDO

A mulher, na maioria,
Sabe illudir com juizo:
Mente mil vezes no dia,
Chora ou ri quando é preciso.

O homem diz que se preza,
Que a mentir nunca se viu.
Mas agora, com franqueza,
Qual de vós nunca mentiu?

A verdade, o quer que seja,
Não é ideia confusa;
E' coisa que se deseja
Mas que nem sempre se usa.

Força bruta



Manuel da Silveira

A filha para a mãe:
— O' mamã: o que é estado interessante?
— E' um estado em que devia proclamar-se a Republica.

NA MESMA MOEDA...

O Sertorio Pavão, segundo official da «5.^a secção das Contribuições Extraordinarias», mal o relógio acabou de soar as quatro horas, limpou o suor, arrumou a papelada e, despedindo-se do chefe, sahiu da repartição. Na rua, áquella hora, ainda fazia um calor de rachar. O Sertorio, procurando a sombra, foi subindo a rua do Oiro, olhando, atravez do monoculo, as *toilettes* frescas e os rostos afogueados das meninas da Baixa. Quando via alguma



cara amiga de algum caro amigo, parava e agradecia os cumprimentos pelo livro de versos que acabava de publicar. Poeta de estylo e cabello vigorosos, tinha dado á publicidade um poêma de forma classica e sabor arcadico, que intitulára «A verdade núa e crúa, sahindo da Travesa do Poço».

No Rocio entrou na Neves, comprou cigarros e uma camelia branca e fazendo moinhos com a bengala, dirigiu-se para o Suisso. Cá fóra, debaixo do toldo, abancada ás mesas, gente em diversas posições sociaes e sociaveis, tomava refrescos, ar, e ares... importantes.

Sertorio bateu os palmas e pediu uma carapinhada.

Ia a principiar a sorver o gelado, quando o seu olhar foi attrahido por um sujeito gordo, que acabava de se apeiar de um electrico.

Sertorio — Eu conheço aquella cara. E' isso, é elle.

O que se tinha apeado, depois de alguns momentos de hesitação, ia-se a dirigir para o interior do café, quando Sertorio o chamou:

— O' Macario! ó meu velho!

O outro volta-se surprehendido e exclama:— Será possivel? O Sertorio Pavão!

Sertorio — Em carne e osso.

Macario — Em mais osso do que carne. Estás magro, se não me fallas não te conhecia.

Sertorio — E tu gordo como um conego! Ha que tempos que não tinha noticias tuas.

Macario — Ha bém seis annos que não nos vemos. Ainda és amanuense das Extraordinarias?

Sertorio — Com a morte do Pimenta fui promovido a segundo official.

Macario — O quê? O Pimenta morreu! Um rapagão capaz de resistir a um toiro.

Sertorio — Mas que não resistiu a um carro electrico...

Macario — Morreu esmagado?

Sertorio — Morreu. Quando o tiraram de baixo do carro o pobre Pimenta, estava tão amachucado, tão moído que até parecia pimenta moída.

Macario — Que horror! E o Sá Dias ainda é o chefe?

Sertorio — Aposentou-se a semana passada.

Macario — Recordas-te de que, antes de ser transferido para o Porto, lhe andei arrastar a aza a uma das filhas? Lembras-te das Sá Dias?

Sertorio — Se me lembro das meninas Sá Dias!? Uns poços de doença, uns estupores de botica, que gastam a receita do ordenado do pae em receitas de medico.

Macario — E tu ainda fazes versos?

Sertorio — Se faço versos!? Ainda ha pouco publiquei um livro, que espero me cubra de loiros e loiras. . . em papel.

Macario — O quê, isso dá dinheiro?

Sertorio — Então não dá, quando se tem talento, como eu, que para ser Camões...

Macario — Sobeja-te um olho...

Sertorio — E falta-me escrever uns *Lusiadas*. Mas passando a outro assumpto: depois da tua transferencia para o Porto o que tens feito?

Macario — Ora, foi lá chegar, vêr e vencer...

Sertorio — Alguma gratificação?

Macario — Não, uma herdeira rica com a qual casei.

Sertorio — Então casaste bem?

Macario — Bem não, á verdadinha casei mal, apesar da minha esposa ser de boa casa.

Sertorio — Contrastes!...

Macario -- De primeira ordem, tudo em pau santo.

Sertorio — Não é da mobilia que fallo, quero referir-me á desigualdade...

Macario — De genios? E' isso, temperamen-

CAPÉ SUISSO



tos diferentes. A minha mulher é romantica, loira e de olhos azues. Como sabes, eu sempre fui positivista e pelas morenas.

Sertorio — Consola-te, meu caro, porque eu estou nas mesmas circunstancias; tambem não fui feliz com a escolha. Para o meu temperamento poetico, o meu ideal era uma mulher loira, de olhos sonhadores, que me inspirasse e me comprehendesse. A minha é gentil mas é morena e não gosta de versos. Pelo que constaste, apesar de rico vives descontente?

Macario — Actualmente não, porque encontrei, fóra do lar, o que desejava: uma moreninha divina.

Sertorio — Tambem eu, meu velho, encontrei os meus sonhos realizados, conquistando uma loirinha deliciosa.

Macario — Aqui para nós, a minha é uma creatura esplendida que me enche as medidas e que eu encho de mimos. Depois, estes amores teem para mim um encanto especial; é a transgressão do nono mandamento... a mulher do proximo.

Sertorio — E' casada, tal qual como a minha!

Macario — Tem graça! A minha é casada com um patetola que não conheço, que lhe faz da vida um inferno. O brutinho passa a vida pelos cafés e ella, então, passa-lhe o pé para vir aos meus braços.

Sertorio — E' como o alarve do marido da minha, que a despreza, trocando-a por outra.

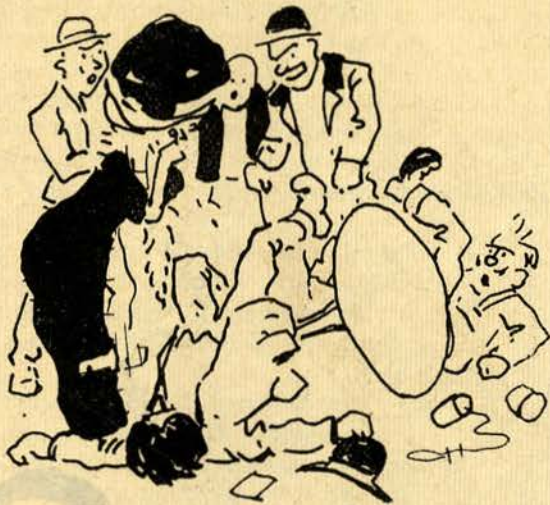
Macario — Sempre ha maridos mais asnos, que é uma obra de caridade engana-los.

Sertorio — Quanto nos haviam de dar, tendo nós umas esposas assim, para andarmos, como andamos, a correr aventuras, correndo o risco de sermos corridos a pau.

Macario — Tens carradas de razão. Mas isto

são horas e eu vou-me até á Travessa do Falla Só fallar com ella.

Sertorio — E eu á Travessa da Espera, onde ella me espera. Já que estamos em maré de confidencias, vou-te mostrar a photographia da musa loira que me inspira.



Macario — Boa ideia! Como tu és amigo de confiança, vou pagar-te na mesma moeda, mostrando-te a photographia da minha encantadora morena.

Sertorio e Macario, puxando das carteiras, trocam as photographias.

Ambos — O' ceus! A minha mulher!

Caem desmaiados. Grande borbolino nas mezas proximas, d'onde diversas pessoas correm a ampara-los. Todos são de opinião que foram do calor aquellas tonturas de cabeça.

CARLOS SIMÕES

Chronica da moda

Approxima-se o verão e julgamos do nosso dever apresentar ás gentis leitoras o que de mais *chic* será usado na época de verão de 1911.

Chapéus—modelo *Brito Camacho*: môles, pretos ou castanho-escuros, enfeitados a pó de tijolo e nodos de gordura. E' conveniente para este chapéu o penteado á *Antonio José de Almeida*, com uma flôr... de rhetorica pendente sobre a testa.

Para *typos* louros é de maior gentileza e elegancia uma pequena variante: rodeia a copa do chapéu um pequeno motivo encarnado e verde, sobre cuja fivella á frente, assenta um *busto official da Republica*.

—Os *vestidos* são cingidos ao corpo á *Bernardino Machado*, desenhando as curvas suave e angelicalmente. Não tem golla, substituindo-a um pequeno colarinho á *Magalhães de Lima*, debruado com rendas baratas e ligeiramente enfeitado... a carne picada.

São abertas atraz, permitindo que se vejam as camisas... de onze varas e abotoam á frente. São os chamados modelos *Afonso Costa*, de grande *economia* porque pôdem ser substituidos metade de cada vez.

Quanto ás *saias*, tudo indica que finalmente peguem as *saias-calções*, imitação *Theophilo Braga*, que bellamente assentam sobre botas de elastico amarellas, com atacadores fingidos.

Será de um effeito maravilhoso cada bota ter o atacador de uma côr: a direita—encarnado, a esquerda—verde, ou vice-versa — para uns. Azul e branco segundo a mesma regra—para outros.

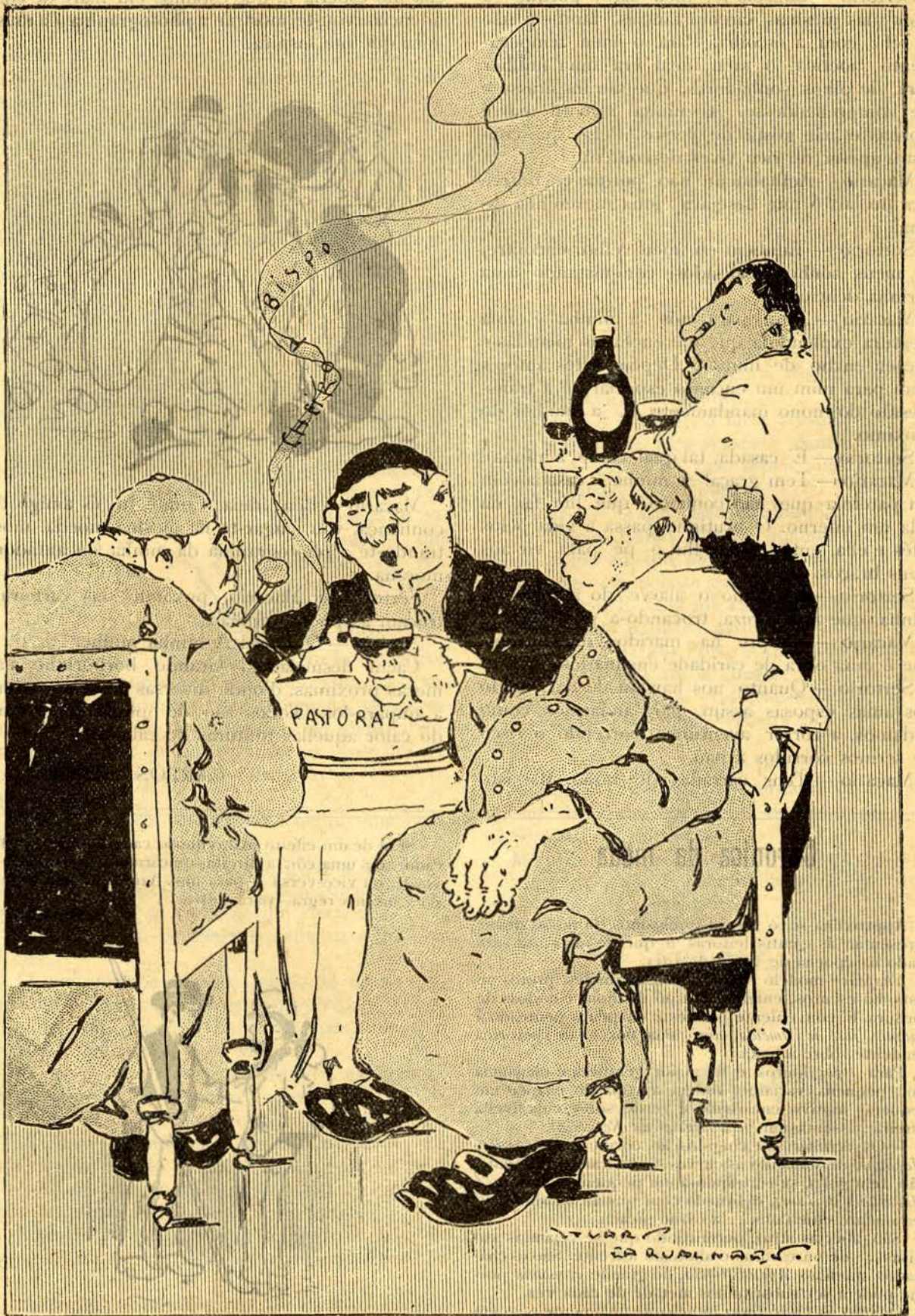
A. FARIA.



— Em quem votas tu?

— Eu, em ninguem. O medico *previu-me* de beber vinho.

A PASTORAL



Já que a cosinhámos temos que come-la, eminencias.

Cartas a uma vizinha

Perdôe vossencia a minha indiscripção
E a insistencia em olha-la de binoculo.
P'ra adivinhar-me a alma basta o coração
Mas pr'a entende-la é fraco o meu monoculo.

Eu qu'ria vê-la aqui de mim bem perto,
Sentir-lhe quasi arfar o seio farto
N'um movimento compassado e certo
D'aquí d'esta janella do meu quarto.

Mas entre nós ha ainda um grande espaço
Ha uma immensa, uma cruel distancia;
De nada serve que eu estenda o braço
Que sempre em mim palpita a mesma ancia.

Ancia, mixto d'amor e desvario,
Loucura, embriaguez, dirá vossencia;
Será, talvez que amor seja um feitio
Desconhecido estado de demencia.

Mas eu devo dizer-lhe francamente,
Vizinha de adoravel, rosea bocca:
Que se só ama quem está doente
Ha pelo mundo muita gente louca.

E esta loucura é grande, altiva e forte,
E' quasi uma loucura que me ufana,
Por isso em verso lhe não canto a morte
Porque esta carta é triumphal e humana.

Faço-a de nervos e de sangue ardente,
Escrevo-a rubra como um beijo em flôr
P'ra que vossencia veja claramente
Como eu entendo e como eu sinto o amor.

Não sei se a maguarei com a rudeza
D'estas palavras loucas e austéras,
Mas julgo uma virtude esta franqueza
E exponho apenas impressões sinceras.

E' o seu corpo robusto que me tenta
Corpo de neve esculptural e erecto,
E porque a lente do binoculo o augmenta
E' que eu fui insistente e indiscreto.

E agora que eu lhe disse sem rodeios,
Sem phrases buriladas o que sinto,
Eu mando um beijo aos beijos dos seus seios
Na rubra ardencia d'um fecundo instincto.

8 de junho.

II

Minha senhora, agora comprehendo
Que na primeira carta fui banal.
Banal, não para mim, mas é que entendo
Que a si lhe par'ceria trivial.

E' aquillo mesmo o que vossencia sente,
Vossencia pensa assim, portanto a culpa
De que peço perdão ingenuamente
Não é razão para pedi desculpa.

Enganci-me, senhora, e estou bem certo
Que não é facil que já n'outra caia;
Perdão não pediria se estou perto
De vossencia como hoje ali na praia.

Assim é que eu devia ter-lhe escripto.
E' bem aquellá a carta de quem ama
E em cada verso pôe um forte grito
E um pouco do seu sangue ardendo em chamma.

Na praia pode ver pelos seus geitos
Que não é como são as mais burguezas,
Emancipou-se já de preconceitos,
E é forte, heroica, audaz, sem tibiezas.

Estende-se na areia, grita, canta,
Avança pelo mar continuamente,
Que com franqueza digo que me espanta
Que não fume tambem heroicamente.

Faz no braço do primo a que se ampara
Uma arrojada, esplendida ginastica,
Deixando transparecer na blusa clara
A mais perfeita e tentadora plastica.

O seu olhar diz — posso; o gesto — quero;
E com a voz o — mando; dos tyrannos,
Que até julguei-a já sombra de Nero,
Espirito dos Cesares romanos.

Admiro-lhe o vigor e a valentia
E quando a vejo passear no parque
Eu penso que decerto assim seria
A celebre, a famosa Joanna d'Arc.

E' leve e agil como um bom *diestro*,
Que até por vezes scismo horas calladas
Como vossencia inda não teve o sestro
De metter handarilhas nas toiradas.

E agora, pr'a fechar, não mando um beijo,
Que um beijo pr'a vossencia não é nada.
Mas p'ra que as sinta, assalta-me o desejo
De fazer-lhe caricias á dentada.

12 de junho.

ALFREDO FRANCA



DR. RICARDO JORGE



O maior microbio da sciencia microbiana

No Cine

Elle entrára durante uma comprida fita e sentára-se ao pé d'uma qualquer Fifi: ulgou-a vaporosa, ideal, gentil, bonita, pensou que teria uma conquista ali.

Seguiu-se o que é de uso em casos muito eguaes; e passado um momento a praça era rendida. Trocáram-se a sorrir palavras triviaes, tretas que a gente diz, aos centos, pela vida.

A fita terminou. Olharam-se sorrindo e... cada um fugiu atonito a tremer... A gentil, ideal, aquelle encanto lindo, traição! era um estafermo! horror! era a mulher!

MARCO LIMA

Ditos doutos & graça grossa

Ultimamente na abundancia de incendios que tem havido tem-se sentido a falta de agua. A imprensa já protestou, dizendo que a Companhia das Aguas está a pedir chuva.

A Camara Municipal tambem protestou, dizendo que havia de fazer dar agua... pela barba ao Ressano Garcia. Entretanto a Direcção da Companhia das Aguas... furtadas ao contracto, vae-se rindo. Não haverá então quem metta na ordem estes filhos da mãe... d'agua?

*

A nova lei eleitoral é uma lei velha, se lhe tirarmos os nove fóra, ... ás contas de Hondt.

*

Tem havido descontentamentos com a syndicancia á Casa da Moeda. O que elles queriam era que depois da Casa da Moeda roubada, trancas na... syndicancia.

*

As gratificações pagas pelo porteiro da Fazenda, eram o que se chama gratificações por portas... travessas.

*

A sociedade Anti-Esclavagista conferenciou com o snr. Azevedo Gomes, sobre o projecto dos serviços de S. Thomé.

A sociedade quer que no projecto seja posto o preto... no branco.

*

Algumas das nossas actrizes, imitando a Sarah Bernhardt, vão botar divisa para uso domestico.

Angela Pinto já tem a sua, que é: — Pelo coração e bofe... tada.

Seguir-se-hão:

Augusta Cordeiro—Pelo chispe... bem lavado.

Etelvina Serra—Pelas mãosinhas... de vitella.

Mercêdes Blasco —Pela lingua... francesa.

Maria Granada—Pela frescura e... miudesas.

*

Diversas perguntas:

—O *complot* do Rio foi para a gente se rir?

—Porque é que o governo, que não quer nada com padres, serve compadres?

—Quando é que o snr. João Gouveia nos dá vãos... poeticos?

*

A minha graça.

—O meu avô tinha grande ouvido para a musica; tocava trompa de cabeça.

—Não me admira, porque a minha avó, tocava cravo de... cabecinha.

*

Cumulo:

Do Philatelismo:—Colleccionar n'um album sellos... de virgindade.

20-3-911

C. S.

AS GREVES



ORPHEON DE COIMBRA
EM PARIS

Pedido de casamento



Affonso Serra

O official para o soldado:
— Eu não te disse, minha besta, que era com a mão direita que se fazia a continencia e que a mão direita estava d'este lado e a esquerda d'aquelle?
— Sim meu commandante, mas é que eu hontem baralhei-as quando estive a lavar a fardeta.

— Que horas tens no teu relógio?
— Todas. Mas não tenho ponteiros.



Nos sicyonios o casamento effectuava-se mediante uma peça de calçado.

Se o noivo mandava á noiva um sapato e esta retribuía a offerta com a entrega de outro, ficava sem mais cerimoniaes, o casamento effectuado.

(Da *Lucta*)

*Rainha das Antonias e Marias,
oh doce Maria Antonia:
Sempre que fallas, cieras,
— Por conseguinte és sicyonia...*

*Quando eu andava a cavallo
Tive um bonito garrano;
E gostava de monta-lo
De botas á hussard e pe bicudo.
Resta-me d'ellas tão sómente um cano.*

*Quererás tu acceta-lo,
Esse cano, esse canudo?...*

*Calçado inutil toda a gente o dá;
Guardá-lo, indica forretice, ou telha.
Ora, menina, não terá por lá
Alguma bota velha?...*

*Cambada, ou rota, como quer que esteja
Recebo-a com fervor e com recato.
Bota, tamanca, ou sapato
— Mesmo um chinello que seja —*

*Um chinello de feltro ou de veludo,
Ou de cofim... O caso é recebê-lo.
Eu quero tudo, filha, eu quero tudo!
— Mesmo um chinello d'ourêlo...*

AUGUSTO GIL

PAGINA BIFADA

Meu caro Guerreiro:

Quando eu n'uma d'estas tardes estava a ver o nosso tão celebre sol já *meio lambo*, na linha do horizonte e sobre a superfície dourada do Tejo, estava eu muito longe de julgar da utilidade em determinadas circunstâncias d'um calabouço, d'um policia sem açãmo e d'um chanfalho de metro e meio, quando sinto repicar a campainha da porta com som alegre e festivo de sino de certa aldeã em dia de romaria, em que os rapazes aos vinte annos andam pelos campos, ainda em camisa, a apanhar as cannas dos foguetes!

Era um cartão «d'A Satira» em que o nosso amigo João Bastos me chamava á redacção, com a nota de urgente, E sabe o Guerreiro qual foi a minha primeira impressão?—que foi algum dos taes *fraldinhas*, vivos como ratazanas, que ousou entrar por alguma das janellas «d'A Satira», onde se dignou apanhar alguma canna d'algum foguete, no dia da publicação da ruidosa lei que nos separou com o sr. padre Farinha de Nosso Senhor dos Afflictos de Braga, dia em que os sinos repicaram.

Quer o Guerreiro retirar d'este numero «d'A Satira», a pagina que eu assigno allusiva á separação, pelo facto de ser previamente reproduzida a quatro pés pelo sr. Silva e Soisa, no mesmo sitio em que este consumado artista de parodias, costuma assignar outras manadas—nas trazeiras d'«O Zé»?

Não meu Guerreiro; eu defendo a publicação d'essa pagina, bato-me por ella, qual D. Fuas pela sua dama e defendendo a sua honestidade, vejo que «A Satira» tem publicado paginas que realmente merecem ser reproduzidas, mas nunca pelo tal Soisa, ainda mesmo que eu tenha que ir para a Rotunda empunhando um espeto!

Logo depois de feito o 1.º numero d'«A Satira», por conseguinte ainda em fevêreiro, recebi a massa d'esse precioso trabalho. Sim! Precioso mas infeliz; porque, não sendo publicado em tempo por causa da greve, veio o tal gavião da *fraldinha* e a pagina passa silenciosamente a chamar-se pagina *bifada*.

Está bem clara a razão porque insisto e peço a publicação do trabalhinho attrahido pelo olhar cubiceoso d'esse bicho medonho e perigoso, que costuma marinhar com auxilio extranho pela Calçada da Gloria!

E' forçoso, é necessario fazer voltar para o charco amornecido pelo sol o microbio que lá se gerou.

Não extranho nem me faz reparo; só lhe digo meu Guerreiro, que por estes sitios ha muitos sabios polyglotos, mais, muitos mais, do que propriamente em Cacilhas, e mais perigosos á propriedade alheia porque esses ao menos limitam-se a ser apenas o que são, ao passo que os de cá, temos necessidade de andar sempre com o olho sobre elles como se tivesse-mos diante de nós o *Remexido*, armado de faca e com os cinco sentidos a paírar sobre o pouco que já produzimos.

Não ha muito ainda collaborando eu n'um jornal da manhã onde criei uma secção, com um titulo, uma formula e um processo, vi um dia cahir nas minhas mãos o jornal em questão, onde um dos taes Silvas e Soisas, um desgraçado parodiador de *Guillaume* em quem ousa sordidamente chafurdar na sua obra, macaquizador exímio, sem uma idéa, servir-se do mesmo titulo, das mesmas formulas e dos mesmos processos, na mesma pagina e no mesmo lugar, como um dos taes sabios que eu arrastasse pelo cabresto.

Meu caro Guerreiro: estar um padeiro a trabalhar noite e dia para dar de comer a taes pantographistas, *boncreiros* como lhes chama quem costuma aturar-lhes as massadas, deve ser terrivel e deve ser duro! Vou pedir mais um dia de descanso para estes que tambem o hão-de aproveitar para cantar á viola com ar melancolico, a parodia brasileira:

Triste vida a d'um padeiro

Teremos que liquidar estes casos alguma vez a muro; mas, quando elles tenham pernas, porque sem ellas eu, cá por mim, não lhes bato nem com uma flor. N'este caso só com um gato morto.

Faça o que lhe peço e mande sempre o

Seu amigo

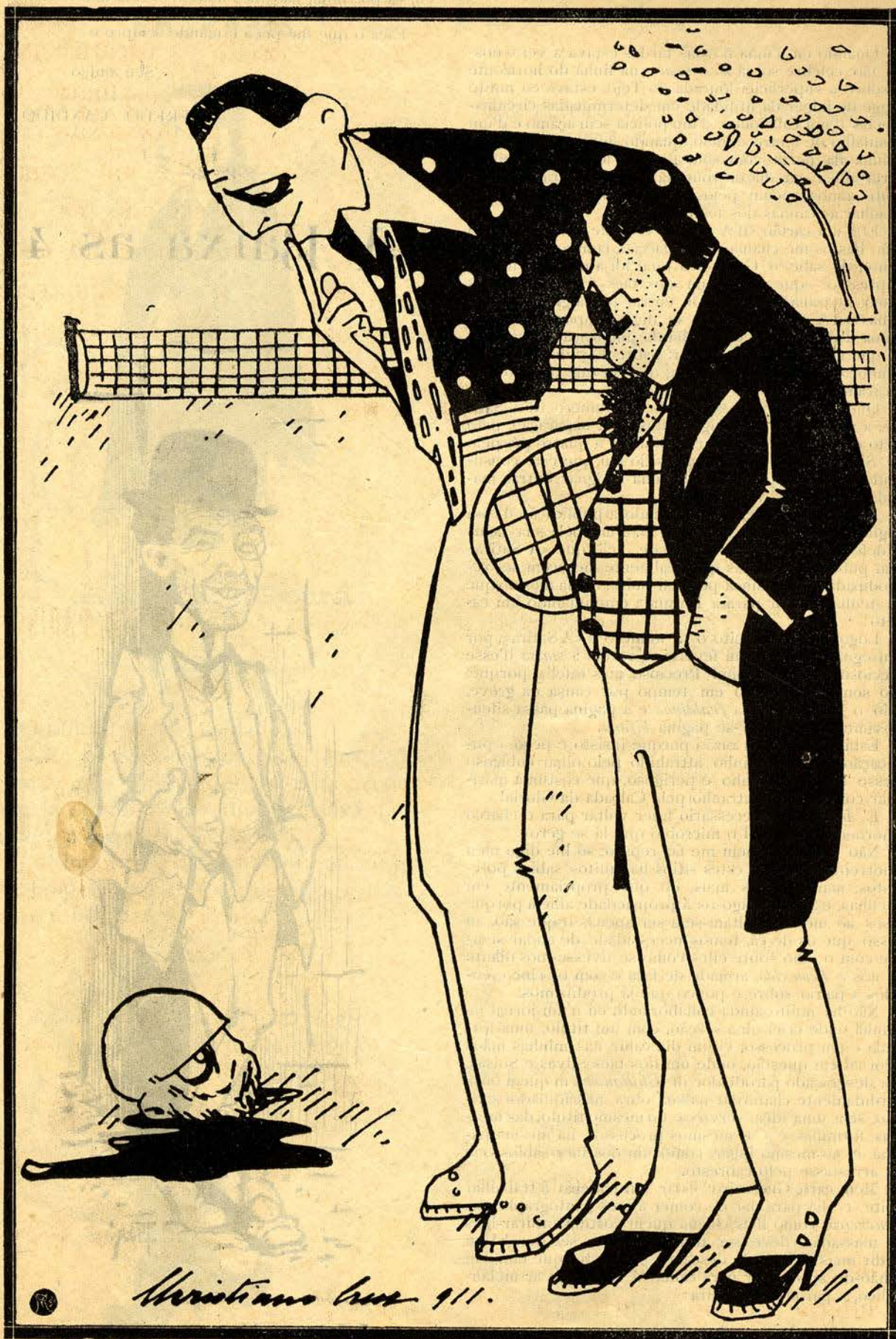
ALFREDO CANDIDO

A Baixa ás 4



Mergulhão maluco

O ESPECTRO



— Que vejo?

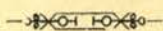
— A bola com V. M. está jogando...

Orpheon de Coimbra em Paris

a colaboração dos nossos mais distintos humoristas, como d'alguns brilhantes caricaturistas que, como Leal da Camara, tomaram a si o proposito de tornar a *SATIRA* um jornal interessante, prestando por esta forma homenagem ao acolhimento dos nossos estimaveis leitores que assim nos animaram na nossa audaciosa tentativa.



ANTONIO JOYCE



EXPEDIENTE

Com o fim de corresponder ao constante favor do publico, o n.º 4 da *SATIRA* será consideravelmente melhorado tanto na parte litteraria como na artistica, para o que contamos não só com



ORPHEON ACADEMICO EM PARIS



ALFREDO SANTOS

a colaboração dos nossos mais
 distintos humoristas, como dal-
 guns brilhantes caricaturistas
 que, como local da Gama, lo-
 mariam a si o propósito de
 formar a "SATIRA" um jornal
 interessante, prestando por es-
 ta forma homenagem ao aco-
 limento dos nossos estimáveis
 leitores e assim nos animam-
 mos a publicar a "SATIRA" em

Ophion de Coimbra em Paris

A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANZADO

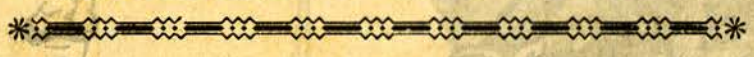
PORTUGAL E HESPANHA

Trimestre.....	150 réis
Semestre.....	300 »
Anno.....	600 »

EXTRANGEIRO E COLONIAS

Accresce o portê do correio

Numero avulso 60 réis

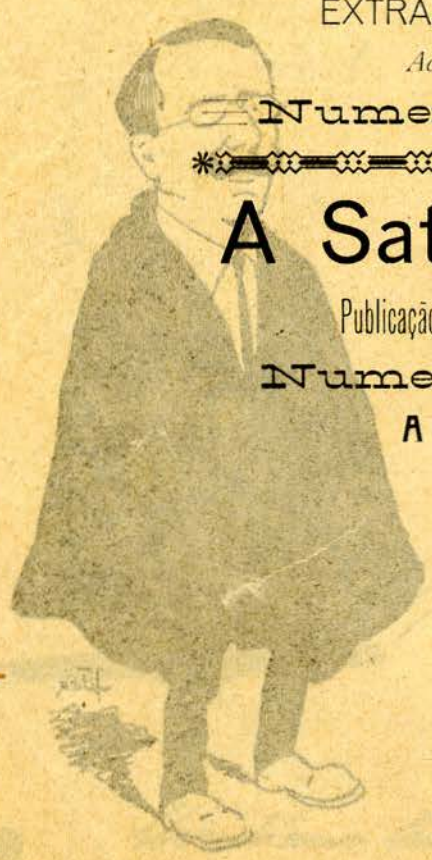


A Satira Pequena

Publicação semanal humoristica de caricaturas

Numero avulso 20 réis

A sahir brevemente



ALFREDO SANTOS

Com o fim de corresponder
 ao constante favor do publico, o
 nº 1 da "SATIRA" será consideravel-
 vamente melhorado tanto na par-
 te litteraria como na artistica, pa-
 ra o que contamos muito com

ESPEDIENTE

ANTONIO JOYCE

A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

CONDICÕES DE ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADELANÇADO

PORTUGAL E HESPAÑIA

Trimestre.....	150 reis
Semestre.....	300
Anno.....	600

EXTRANGEIRO E COLONIAS

Acréscio o preço do correio

Numero avulso 60 réis



A Satira Pequena

Publicação semanal humoristica de caricaturas

Numero avulso 20 réis

A sahir brevemente

